

***Instituto Superior de Psicologia Aplicada***



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ALCOOLISMO EM ESTUDANTES  
DE PSICOLOGIA

Paula Alexandra Rodrigues Rebelo Vilhena

Nº 15228

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção de grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

***Instituto Superior de Psicologia Aplicada***

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ALCOOLISMO EM ESTUDANTES  
DE PSICOLOGIA

**Paula Alexandra Rodrigues Rebelo Vilhena**

Nº 15228

Dissertação Orientada por Professor Doutor Rui Aragão

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção de grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor Rui Aragão, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho de DGES, nº19673 / 2006 publicado em Diário da Republica 2ª Série de 26 de Setembro, 2006.

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ALCOOLISMO EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

O presente estudo teve como objectivo tentar conhecer as principais representações do alcoolismo dos 115 estudantes de Psicologia que participaram neste trabalho, a frequentarem o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos lectivos, com idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos, sendo 79% do sexo feminino e 21% do sexo masculino.

Os resultados foram analisados no que diz respeito à idade, sexo e ano académico e de entre os quais se destacam os que dizem respeito a:

- *Proximidade*: esta, em certas circunstâncias, revelou-se uma condicionante das respostas (Dovidio & Gaertner, 1998)

- *Fonte de Informação*: A escola (87%) é o principal veículo de informação para o 3º Ano, coincidente com o ser um ano de opções de áreas escolares e a Televisão foi o veículo de informação mais seleccionado por todos os anos académicos (menos para o 3º ano).

- *Principais causas do alcoolismo*: Questões sociais/ambientais (95%), Sofrimento emocional (87%) e Conflitos intra e interpessoais (68%) (Adès e Schukit, 1997).

- *Consumos*: Neste estudo quem mais bebe são os rapazes por oposição às raparigas, o que vai ao encontro, nomeadamente, dos dados do estudo da Fundação de Cascais (2000) e do Inquérito Nacional realizado por Gameiro (1998).

Os resultados são discutidos à luz da revisão de literatura apresentada.

“A impossibilidade de controlar o consumo de álcool é um sintoma que marca de maneira indelével o funcionamento psíquico do sujeito alcoólico. Porque bebem os alcoólicos “sem freio” e porque não conseguem preservar os seus outros investimentos, mantendo-os sob o efeito do álcool ou perdendo-os quando se instala a dependência física? O consumo de álcool ocupa quase todas as energias do indivíduo, e tendo em conta que a patologia mental resulta de utilizar as energias psíquicas para a manutenção da coerência ameaçada do psiquismo, concede-se ao alcoolismo o estatuto de patologia mental. “ Assim começa a introdução do livro *Alcoolismo: compreensão psicodinâmica*, de Dias (2006).

O álcool surge como uma das formas de tentar ultrapassar as maiores dificuldades psicossociais e de carácter evolutivo Adès e Lejoyeux (1997).

Um em cada dez portugueses tem graves problemas com o álcool. No que diz respeito ao consumo de álcool, Portugal está nos dez primeiros da escala europeia, sendo a Europa no seu todo, o maior consumidor mundial. (Tavares, 2002)

O presente estudo tem como intenção tentar perceber algumas das representações sociais que a população jovem universitária do curso de psicologia tem do alcoolismo, e

quais os aspectos mais relevantes destas representações sociais neste grupo em particular.

A pertinência e relevância de abordar o tema das representações sociais, advém da cada vez mais consistente constatação de que não só e apenas os factores fisiológicos mas também os psico-sociais, determinam o consumo.

O principal motivo que esteve na base da escolha deste tema está relacionado com o facto do mesmo se vir revelando cada vez de maior pertinência social, quer pelo aumento constante e significativo do número de sujeitos dependentes do álcool, quer pelo aumento de bebedores excessivos no nosso país, nomeadamente na camada mais jovem da população.

"(...) Cerca de 400.000 jovens entre os 15 e os 24 anos mantendo hábitos de risco no consumo de álcool (...)" . "(...) 25,2% da população de mais de 15 anos está mal informada ou não sabe que precisaria de intervenção sistemática na educação para a saúde. Mais de 14,5% já mantêm hábitos de risco, o que dá 39,7% da população." (Gameiro, 1998)

Um estudo realizado pela Fundação de Cascais durante o ano de 2000 revela que cada vez mais os hábitos de consumo de álcool em excesso, começam precocemente. A idade referida pelo estudo situa-se nos 12 anos e é referido que no concelho de Cascais (local onde foi recolhida a amostra para o referido estudo) a população desta faixa etária apresenta comportamentos de risco face ao álcool, como por exemplo o facto de se deslocarem propositadamente aos cafés, bares e discotecas (locais em que não lhes é interdita a entrada na maioria dos casos) apenas com o intuito de se embriagarem.

Em Portugal, a expressão do alcoolismo ultrapassa os 730000 alcoólicos e 1 milhão de bebedores excessivos. (Dias, 2006).

O uso abusivo de álcool, não pode ser desinserido de uma análise, quer dos aspectos relativos ao álcool e ao alcoolismo, quer dos aspectos relativos às representações existentes entre a população estudada, quer ainda do aspecto adaptativo que a ingestão de bebidas alcoólicas representa para uma grande maioria da população jovem. Aspecto este referido pela maioria dos autores.

Existem no país, apenas 3 centros especializados e alguns serviços (poucos e com um baixo grau de especialização) nos hospitais gerais. (Dias, 2006). Este aspecto deveria ser suficientemente impressionante para que existissem mais investigações nesta área. De facto, nem que fosse pela diminuição dos custos de saúde associados a esta problemática do consumo de álcool, que se situam nos 5% a 6% do Produto Nacional

Bruto nos países da Europa (Eurocare, 1995), tais investigações valeriam a pena. As questões relativas às dependências têm vindo a ganhar, nos últimos anos, um lugar de destaque a variadíssimos níveis, nomeadamente, ao nível político, da opinião pública em geral e científico (Edwards, 1998), apesar disso as investigações são poucas para o impacto individual e social que o assunto tem.

Poderemos também pensar até que ponto a importância da redução dos custos sociais hoje em dia, não vai de alguma forma desviar a atenção dos técnicos da área da saúde para as questões colaterais que dizem respeito ao que rodeia o sujeito em questão e não ao sujeito em si com todas as suas dificuldades e necessidade de ajuda, as quais estão no domínio dos estereótipos, crenças, etc.

Sournia (1986), de uma forma muito clara, fala-nos dos fenómenos representativos do vinho, quando nos diz que a alcoolização de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos (comunidade) pode ser entendido como um fenómeno sociológico, que assenta num conjunto de factores circunstanciais que constituem a própria história do Homem. Ainda referido pelo mesmo autor, em todos os continentes, a maioria dos povos descobriu o fenómeno da fermentação, e poucos são os ritos de passagem que não são acompanhados pelo consumo de álcool.

O presente estudo teve como objectivo tentar conhecer as principais representações do alcoolismo do nosso grupo de participantes, no momento em que a recolha foi efectuada.

## **Representações Sociais**

### *Formação das Representações Sociais*

Autores como Doise e Palmorani (1986) cit. por Carvalho e Leal (2002) referem que “todas as interacções humanas, quer sejam entre indivíduos quer entre dois grupos, pressupõem representações. Sempre e em todo o lado, quando nos encontramos, quando entramos em contacto com as pessoas, veiculamos certas expectativas, um certo conteúdo mental corresponde a julgamentos e a um conhecimento dos grupos, pessoas e coisas em presença.”.

Para Moscovici (1961), as representações sociais são o fruto da actividade cognitiva grupal e individual, em contextos específicos. Este defende que não são apenas

processos cognitivos mas também, e em simultâneo, processos sociais.

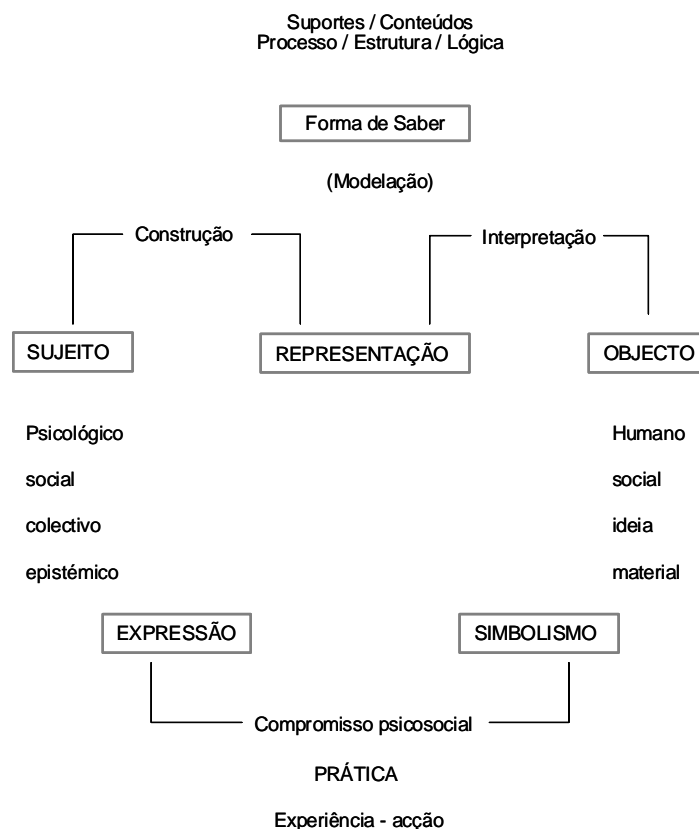
Segundo Sousa (1991), o sujeito tem sempre em conta a imagem que transmite ao outro sendo que, utiliza os meios de que dispõe para convencer os outros do seu valor no que diz respeito a dimensões socialmente valorizadas.

Então, e ainda segundo Sousa (1991), as produções linguísticas que o sujeito elabora, não correspondem a uma forma única de ver e interpretar o objecto social em questão, mas estão directamente limitadas pelos condicionamentos da situação em que o sujeito as emite. Quando é pedido a uma pessoa que evoque um determinado objecto social, como por exemplo o alcoolismo é necessário assumir prontamente que ela não o faz no vazio, mas sim dentro de um contexto próprio, com um conjunto de informações que resultam da sua experiência directa ou indirecta em relação à estrutura social em que se encontra (como por exemplo ser-se estudante nas áreas de saúde).

Através das representações sociais, o sujeito estabelece uma relação simbólica, interpretando e conferindo um significado ao objecto representado o que dá à representação um carácter construtivo e expressivo do sujeito.

Esta actividade reenvia para processos cognitivos e psicológicos (figura 1).

**Figura 1. Processo de formação da representação social (Jodelet, 1991).**



As representações surgem como uma forma de saber, que é desenvolvida e produzida pelo sujeito, com base na sua experiência e com a influência de uma multiplicidade de factores como a cultura, os valores, as crenças, a linguagem/comunicação e a sociedade - ideologia, história, estatuto e papel social (Jodelet, 1991).

As imagens por si só não conduzem a um conhecimento adequado, é o pensamento operatório que, através da coordenação dos diferentes estados sucessivos, conduz ao conhecimento e à possibilidade de imagens antecipadoras adaptadas (Doise, 1984).

O pensamento não é um simples reflexo do real mas antes uma elaboração a partir de imagens que vão determinar as insuficiências do pensamento e que por sua vez são coordenadas pelo próprio pensamento.

Ao nível do sociológico as ideologias são a entidade teórica que correspondem às imagens do nível psicológico.

Myers (1998, p. 87), fala-nos do cérebro dizendo-nos que "o cérebro e a mente, 'hardware' neuronal e 'software' cognitivo, desenvolvem-se em simultâneo. A cognição está ligada a todas as actividades mentais relacionadas com o pensamento, o conhecimento, a memória e a comunicação."

Moscovici (1961), diz que ao analisar a formação das representações sociais nos deparamos com dois processos maiores: A objectivação e a ancoragem, processos estes que estão fortemente inter-ligados, os quais passaremos a descrever.

### *Objectivação*

A objectivação, estabelece o concreto naquilo que é abstracto (Doise, 1990).

O processo de objectivação inclui dois momentos. O primeiro que vai do objecto à sua imagem, o segundo que vai desta à naturalização da realidade social (Vala, 1986).

A primeira fase do processo de objectivação caracteriza-se pela construção selectiva e pela esquematização estruturante, ou seja, pela reorganização dos aspectos retidos num modelo figurativo e simplificado do objecto. Na representação da Psicanálise, por exemplo, a libido é esquecida e os elementos retidos organizam-se num esquema simplificado que exprime o conflito entre o consciente e o inconsciente e o complexo que daí resulta como fundamental na nova teoria. A segunda fase do processo de objectivação é marcada pela naturalização do objecto. Os conceitos que são retidos no esquema figurativo e as suas relações, são constituídos como categorias naturais e adquirem aquilo que Vala (1996) refere como materialidade.

"(...) A cada palavra corresponde um objecto e cada imagem tem a sua contrapartida na realidade." (Ibanez, 1988; cit. por Vala 1996, p.361)

A objectivação é à primeira vista uma característica do pensamento psicológico natural que, aparentemente, se produz independentemente de dinâmicas sociológicas. Os sociólogos mostraram no entanto, que ela permite aos indivíduos a sua participação na produção ou reprodução da sociedade (Doise, 1990).

### *Ancoragem*

"Se a objectivação explica como os elementos representados de uma teoria se integram enquanto termos da realidade, a ancoragem permite compreender a forma como eles contribuem para exprimir e constituir as relações sociais." (Moscovici, 1961, p.318).

A ancoragem remete para a necessidade inerente ao tratamento da informação e de existência de pontos de referência. Ou seja, quando um sujeito pensa num objecto (e.g. alcoolismo), o seu universo mental é constituído por experiências e esquemas de pensamentos anteriormente estabelecidos, e é com base nestas referências e nestes esquemas que o sujeito vai pensar o objecto (tal como anteriormente referido por Sousa (1991), quando nos diz que o sujeito nunca evoca o objecto no vazio).

Moscovici, mostra-nos que há um pressuposto comum que é o facto de haver uma gestão do fluxo de informação que atravessa o nosso dia-a-dia e, essa gestão, faz-se através da mobilização de uma estrutura semântica organizada em categorias.

Moscovici (1984), faz-nos notar que um sistema de classificação não é elaborado ao acaso, mas é antes fruto de uma teoria. Portanto, as representações sociais são um quadro de referência, no interior do qual os sistemas de categorização adquirem o seu significado e sentido.

As duas dinâmicas, objectivação e ancoragem são, aparentemente, opostas. Uma, visa criar as "verdades evidentes" para todos e independentes de todo o determinismo social e psicológico. A outra, designa a intervenção de tais determinismos na sua origem e transformação. Por esta razão, os estudos sobre representações sociais não podem consistir somente nos saberes comuns, eles devem também estudar a sua especificidade num sistema de regulações simbólicas (Doise, Clémence & Lorenzi-Cioldi, 1992).

Ainda de acordo com a psicologia social cognitiva, poderemos estabelecer facilmente a relação entre os processos de objectivação e ancoragem com o processo de

categorização. Vala (1996), refere ainda que de uma outra forma a ancoragem remete para a função social das representações.

Vala diz-nos que os fenómenos que são descritos através do processo de ancoragem se aproximam dos que sustentam o conceito de categorização.

### *A Teoria do Núcleo Central*

Segundo Abric (1994; cit. por Guimelli, 1994) a ideia base desta teoria é a de que toda a representação se encontra organizada em torno de um núcleo central.

Este núcleo central é um elemento fundamental da representação pois é ele que determina, por sua vez, a sua significação e a sua organização interna.

Aquilo que Abric considera na realidade importante nesta teoria é a ideia da determinação da significação, ou seja, o autor refere que a centralidade de um elemento não pode ser remetida exclusivamente para uma dimensão quantitativa. Não é apenas porque um elemento ressalta em termos quantitativos na representação, que este se torna central dessa mesma representação. Aquilo que importa é de facto a sua componente qualitativa.

Ou seja, os elementos que vão fazer parte do núcleo central de uma representação, serão aqueles que têm relação directa com a sua significação, os outros elementos, mesmo que sejam quantitativamente superiores situar-se-ão na periferia.

O núcleo central de uma representação social caracteriza-se por duas funções e por uma propriedade essencial: Função geradora, função organizadora e estabilidade, respectivamente. a) A função geradora define-se pela capacidade do núcleo central em criar ou transformar a significação dos outros elementos constitutivos da representação. É então esta função, que associa um sentido ou dá uma valência à representação. b) A função organizadora explica-se pelo facto de ser o núcleo central que determina o tipo de ligações entre os vários elementos que a constituem, ou seja, o núcleo é o elemento unificador e estabilizador da representação. c) O facto de possuir os elementos mais estáveis da representação explica a sua propriedade essencial de estabilidade. São de facto os elementos que mais resistem à mudança.

Os elementos periféricos, e ainda segundo Abric (1994), têm um papel fundamental na dinâmica e funcionamento das representações. De facto, são menos estáveis do que os centrais e permitem aquilo a que o autor refere como "modulações individuais". Estas modulações vão permitir a cada sujeito posicionar-se face a um objecto de representação,

com as suas características pessoais sem pôr em causa, no entanto, a significação central da representação.

Quando um indivíduo ou um grupo é confrontado com informação contraditória em relação à significação da representação que possui, os elementos periféricos têm um papel importante face à gestão dessa informação contraditória. Ou seja, não é a representação em si que vai ser alterada, mas os elementos periféricos da mesma.

Por um lado, permitem a manutenção da significação central da representação e por outro lado permitem a inclusão de nova informação face à mesma. Os elementos periféricos jogam também um papel importante na economia cognitiva da representação.

## **Representações Sociais e o Processo de Categorização Social**

### *Categorização*

Para Tajfel (1972), a categorização é entendida como um processo psicológico que tende a ordenar o meio social em termos de categorias. Assim, a sua principal função é a sistematização do meio. O autor teoriza que certos aspectos da informação obtida são seleccionados ou mesmo modificados para que se adaptem melhor a uma categoria e que o sistema de categorização deve estar adaptado ao meio, da mesma maneira que a informação que se recebe, se deve adaptar às categorias que já existem.

Esta sistematização da informação garante a possibilidade de comunicação e a sua eficácia. Para além do facto de ser um instrumento de comunicação a categorização é simultaneamente um instrumento de orientação da acção (Abric, 1987).

"As categorias sociais não existem enquanto fenómenos objectivos, dotados de propriedades psicofísicas, mas correspondem a constructos sociais." (Tajfel, 1978-1982; cit. por Marques, 1988, pp. 279-305)

Marques (1988), refere que na sequência de uma ideia de Allport (1954), Tajfel (1969) sugeriu que as categorias e crenças sociais têm uma função de justificação das relações reais que existem na sociedade e, embora o processo de categorização social em si mesmo, seja invariante, o conteúdo atribuído às categorias que são assim formadas vai depender das ideologias e da estrutura cultural em que todo este processo ocorre.

## **Estereótipos Sociais**

A palavra estereótipo surgiu no domínio das ciências sociais a partir do desenvolvimento da teoria das opiniões. Foi o autor Lippmann (1922) que introduziu este termo para designar a "zona tampão" que se situa entre a realidade e a nossa percepção (Leyens, 1985). O autor utilizou este termo em 1922, no seu livro *Public Opinion*, para expressar o carácter condensado, esquemático e simplificado das opiniões, Lippmann (1922, cit. por Miranda, 1996) defende que o estereótipo é factualmente incorrecto, rígido, resultante de um processo ilógico do pensamento e resistente à educação. Desde então teve o maior sucesso e, numa obra publicada em 1973, Ehrlich faz referência a mais de 500 estudos a seu respeito.

O estereótipo consiste num conjunto de crenças acerca de pessoas que são membros de um grupo e variam em diversos aspectos: Podem ser largamente partilhados pelos outros, mesmo pelos próprios indivíduos estereotipados; Podem envolver crenças acerca dos traços, valores, comportamentos, opiniões, ou ainda, crenças sobre indivíduos típicos de um outro grupo; Podem ser defendidos de uma forma simples ou diferenciada, positiva ou negativamente, confiante ou de forma desconfiada (Triandiset al., 1982; cit. por Smith & Bond, 1993).

O trabalho desenvolvido recentemente na área dos estereótipos foi dominado por um interesse pelos grupos que tipicamente partilharam uma história de conflitos, abuso ou atrocidade (Brighann, 1971; cit. por Smith & Bond, 1993). Desta forma, os estereótipos acerca do exogrupo eram extremos, simples, negativos e simétricos, em que os membros de cada grupo avaliavam os membros do seu próprio grupo positivamente e os do exogrupo de forma negativa (Schwartzwald & Yinon, 1977; cit. por Smith & Bond, 1993). Segundo Taylor (1981; cit. por Smith & Bond, 1993) a eliminação dos estereótipos constituiria um pré-requisito para a harmonia intergrupala.

### *Características e funções*

Os estereótipos transformam as diferenças menos claras entre os grupos (categorias) em diferenças mais nítidas, criando diferenças onde antes estas não existiam. A questão coloca-se ao nível da relação entre um conjunto de atributos que variam numa dimensão contínua e categorias de indivíduos.

As categorias podem ser mais amplas - raças (brancos, negros, índios, etc.), nacionalidades (Portugueses, chineses, etc.) ou mais restritas - profissões, classes e

grupos (professores, estudantes, emigrantes, etc.).

Os atributos são associados às categorias através da experiência. Quando o conhecimento que se tem acerca de um indivíduo avaliado é reduzido, são-lhe atribuídas as características consideradas típicas da categoria de pertença desse mesmo indivíduo (Miranda, 1996).

Os estereótipos permitem àqueles que os sustentam, reduzir a incerteza que possuem relativamente aos membros de outros grupos. Assim sendo, constituem uma forma de esquema cognitivo (Rumelhart, 1984; cit. por Smith & Bond, 1993).

Tajfel considera que os estereótipos cumprem funções quer sociais quer psicológicas (Miranda, 1996).

### **Funções sociais**

A Psicologia Social, a História Social, a Antropologia Social e, mesmo o senso comum apresentaram evidências que demonstram que os estereótipos tendem a criar-se e difundir-se em condições associadas a:

1. Procura de compreensão de fenómenos sociais complexos (função causalidade social).
2. Justificação de comportamentos cometidos ou planeados contra *outgroups* (função justificação).
3. Diferenciação positiva do *endogrupo* relativamente a determinados exogrupos, num momento em que essa diferenciação é percebida como insegura ou, não sendo positiva, existem condições sociais que consideram a possibilidade de alteração da situação (função diferenciação) (Miranda, 1996).

Relativamente a esta última condição, é de salientar o modelo da identidade social da escola de Bristol que integra esta mesma condição. De acordo com este modelo, a diferenciação intergrupar na atribuição de recursos, evidenciada pelas experiências com os grupos mínimos, decorre da motivação para construir uma imagem do endogrupo mais positiva do que a do exogrupo, contribuindo assim para uma imagem pessoal também mais positiva (Amâncio, 1996).

Os resultados de várias pesquisas em contextos variados mostraram que:

1. Os estereótipos não correspondem a "dados", mas a construções sociais funcionais.
2. Que existe um enviesamento consistente na construção de uma imagem mais

positiva do endogrupo do que do exogrupo.

3. Que este fenómeno de discriminação intergrupar ocorre com maior expressão quando os grupos em presença são grupos assimétricos (dominante/dominado; maioria/minoria; estatuto social elevado/baixo), sendo os grupos maioritários, dominantes ou de estatuto mais elevado, que mais discriminam através deste enviesamento (Vala, Brito, & Lopes, 1999).

### ***Funções psicológicas***

As funções psicológicas englobam a estruturação cognitiva e a manutenção de valores individuais.

#### a) Estruturação cognitiva;

Segundo Allport (1954; cit. por Miranda, 1996), a categorização e os estereótipos são entidades distintas. O estereótipo é uma crença acerca dos outros associada a uma categoria e cuja função é justificar (racionalizar) o nosso comportamento em relação a essa mesma categoria. Apesar da sua definição de estereótipo incluir funções cognitivas e de valor, o estereótipo não é, propriamente, uma categoria, mas antes, uma imagem que existe, na maior parte das vezes, como uma marca fixa de uma categoria.

Actualmente, as relações entre os estereótipos e a categorização são perspectivadas de uma forma mais dinâmica do que a de Allport, embora na literatura os estereótipos sejam frequentemente analisados em relação ao processo cognitivo - categorização (Miranda, 1996). A função cognitiva fundamental dos estereótipos é a de sistematizar e simplificar a informação social que nos rodeia de forma a termos acesso a um mundo social mais simples, mais previsível, mais susceptível de ser explicado e, portanto, controlado e que de outra forma, seria extremamente complexo e até mesmo caótico (Miranda, 1996).

#### b) Manutenção de valores individuais

A categorização social pode ter uma conotação de valor (positiva ou negativa) ou ser neutra. No entanto, em determinadas situações o estereótipo requer uma nova interpretação dos atributos tidos como característicos da categoria, ameaçando todo o sistema de valores do indivíduo, sistema esse em que assenta toda a diferenciação intergrupar. Assim sendo e, de forma a evitar situações deste tipo, os indivíduos preferem cometer erros de sobre-inclusão (ou seja, incluir numa categoria um atributo que não pertence a essa categoria) e de sobre-exclusão (ou seja, excluir de uma

categoria um atributo que pertence a essa categoria), mantendo assim estável o seu sistema de valores (Miranda, 1996).

## **Estereótipos e Representações Sociais**

Pode definir-se o estereótipo como sendo uma "imagem mental simplificada de uma categoria de pessoas ou instituições, partilhada nas suas principais características por um grande número de pessoas" (Tajfel, 1984, p. 171; cit. por Paez, 1987) ou ainda "(...) representações cognitivas de grupos humanos e categorias sociais, frequentemente compartilhadas socialmente. Estas representações estão frequentemente eivadas de valor e/ou fortes associações emocionais que, quando de carácter negativo, definem "preconceito" (Marques, 2003).

O estereótipo é o aspecto conceptual do preconceito. São as ideias ou opiniões que temos a respeito dos indivíduos ou grupos que são objecto desse juízo prévio. Os estereótipos podem também ser considerados como crenças populares sobre a probabilidade de surgimento de certos comportamentos, pensamentos ou sentimentos em certos grupos, sendo que a pertença a um grupo vai ser a fonte de informação provável sobre as características dos sujeitos membros do(s) grupo(s) em questão (Paez, 1987).

Os estereótipos vão interferir em todas as fases do processamento da informação, nomeadamente na atenção, percepção e codificação, na memorização e recuperação da informação, na elaboração de opiniões e decisões e na planificação e orientação da acção (Paez, 1987).

Em jeito de conclusão no que diz respeito a este capítulo das representações sociais, referimos Abric (1987) que diz que as representações sociais visam reflectir a realidade ou o objecto afim de formar um conjunto coerente e estruturado onde, esse real construído, se possa articular com as experiências anteriores do sujeito, com as suas atitudes e com a sua situação social. Para o autor, as representações resultam de um processo de mediação no qual existem, por um lado, as forças e os constrangimentos sociais e, por outro, as forças e os mecanismos psicológicos.

Chaves (2000) fala-nos de uma dialéctica existente entre *comunidade de representações* e *comunidade de práticas*. Por comunidade de representações o autor entende um conjunto de representações e de sentimentos de pertença e por comunidade de práticas o conjunto das interacções sociais.

O autor considera a comunidade de representações responsável pela constituição

e manutenção da comunidade de práticas, pois sustenta os princípios que lhe subjazem. Paralelamente ao facto destas representações possibilitarem a existência e a reprodução de uma série de práticas colectivas, são, elas próprias, possibilitadas pelos contextos que as situações de interacção propiciam. Chaves (2000) tem em consideração as questões culturais e identitárias como factores de influência na formação e transformação das representações.

### **Alcoolismo e Representações Sociais**

Para Adès e Lejoyeux (1997), e pela necessidade de sistematização de informação que vão referindo, a definição do conceito de alcoolismo pode ser dividida em três grandes dimensões: a dimensão médica, que contém em si a explicação puramente médica da questão; a dimensão comportamental, que contém em si a conduta e os comportamentos associados às dependências; e a dimensão social, que se debruça sobre a interacção entre o alcoólico e a sociedade.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) substituiu o termo 'alcoolismo' por Síndrome de Dependência Alcoólica (SDA) no sentido de a tornar mais objectiva e sem conotações morais ou sociais (Edwards e col., 1998).

Esta definição foi retomada pelas classificações internacionais: Classificação Internacional das Doenças da OMS (ICD-10), Classificação da American Psychiatric Association (DSM-IV) (Adès, 1997).

As duas classificações possuem um conjunto de critérios agrupados para o diagnóstico da SDA. Estes critérios são 11 e passamos a descrevê-los:

1. Necessidade ou desejo compulsivo poderoso de beber (ICD).
2. Alteração da capacidade de controlar os consumos (ICD/DSM).
3. Consumo da substância tóxica com o fim de suprimir os sintomas de privação (ICD/DSM).
4. Síndrome fisiológica de abstinência (ICD/DSM).
5. Tolerância ou necessidade de aumentar as doses para obter os efeitos produzidos por doses mais fracas (ICD/DSM).
6. Limitação dos modos de consumo pessoais (ICD).

7. Desinvestimento progressivo das outras formas de prazer ou dos interesses em proveito do consumo da substância tóxica (ICD/DSM).
8. Consumo mantido não obstante as suas consequências nocivas (ICD/DSM).
9. Tempo considerável empregue na obtenção da substância e na sua ingestão (DSM).
10. Frequência dos sintomas de intoxicação ou de privação (DSM).
11. A substância é muitas vezes absorvida em maior quantidade ou durante lapsos de tempo mais curtos do que o previsto (DSM).

A SDA manifesta-se essencialmente por três aspectos: O primeiro é relativo à alteração do comportamento face ao álcool (e.g. beber de forma diferente da habitual no seu meio cultural e familiar), o segundo por um desejo obsessivo de álcool associado à perda de controlo de ingestão e o terceiro pelos sintomas de privação.

Os sintomas físicos da dependência são:

*Sinais de abstinência/privação:* neuromusculares (tremores, câibras,...); digestivos (náuseas, vômitos,...); neurovegetativos (suores, taquicardia,...); psíquicos (ansiedade, humor depressivo, insónias, irritabilidade, pesadelos,...). (Adès, 1997; Schuckit, 1998);

*Tolerância:* Resistência aos efeitos do álcool (cada vez é necessária maior quantidade de álcool para obter o mesmo efeito).

### **Do Consumo Normal ao Consumo Patológico**

Adès e Lejoyeux (1997, p. 15), a respeito das causas dos comportamentos alcoólicos, dizem a determinada altura que: "O alcoolismo é um comportamento patológico de determinismo multifactorial."

Várias ciências se dedicaram ao estudo destas causas como a neurobiologia, a psicofarmacologia, a biologia molecular, a psicologia, a sociologia, a psicopatologia, mas independentemente destes estudos, nenhuma destas ciências conseguiu, até hoje, de forma isolada, apresentar hipóteses para este comportamento. (Adès, et al.)

Dijk (1979; cit. por Adès, et al., 1997), propôs um esquema que explicaria esta passagem de um consumo normal de bebidas alcoólicas, para um consumo patológico.

O autor refere que, o consumo de álcool está sujeito a regras (sexo, idade, estatuto social, normas sociais, valores culturais,...) e que, independentemente da existência de patologia associada, estas regras funcionam.

O esquema que Dijk propõe é constituído por várias etapas em que, no final de qualquer uma delas, é possível à pessoa parar de beber ou manter-se nesse estágio/fase ou ainda, partir para um consumo patológico/excessivo, que pode não implicar dependência.

### 1. Primeiro Contacto com o Álcool

Segundo Dijk, pode acontecer em variadíssimas idades e em diferentes circunstâncias sociais. Não é vulgar a ruptura com o álcool nesta etapa, mas pode acontecer, principalmente por factores de intolerância fisiológica ao álcool, ou então factores religiosos e/ou culturais específicos.

### 2. Estádio "Experimental"

Este estágio remete para o conhecimento que o sujeito realiza das diferentes bebidas alcoólicas, da sua capacidade de aguentar a bebida, das diferentes situações sociais em que bebe, dos seus gostos e preferências por algumas bebidas, ou seja tudo aquilo que diz respeito ao conhecimento das bebidas alcoólicas, de como se bebem e em que situações.

Raramente, segundo Dijk, o sujeito pára de beber nesta fase, passando para o terceiro estágio, que corresponde à alcoolização "integrada".

### 3. Estádio de Alcoolização "Integrada"

Para a maioria da população este é o estágio em que se vão situar definitivamente. É o estágio em que o consumo de bebidas alcoólicas é realizado de forma adaptada cultural e socialmente para o sujeito.

Acrescente-se nesta fase que o consumo é também mediado pelos factores tradicionais familiares, do seu grupo de amigos, etc..

Alguns sujeitos mantêm-se neste estágio sem grandes alterações no padrão de bebida adoptado, mas alguns, uma percentagem mais pequena, aumenta bruscamente o consumo até chegar ao quarto estágio que é o da alcoolização excessiva.

### 4. Alcoolização Excessiva

Este estágio abrange aquelas que são as noções conhecidas de consumidores excessivos e as incapacidades ligadas ao consumo de álcool. Muito álcool e muitas vezes, é este o padrão de bebida dos sujeitos que se encontram neste estágio.

Existe um desenquadramento social e familiar destes sujeitos, conduzindo progressivamente à sua degradação física e mental, a problemas de nível económico pois a maioria começa a ter graves problemas no emprego (faltas, atrasos, despedimento, ...) e ainda a problemas com a lei e a justiça, causados normalmente por desacatos, perturbação da ordem pública, agressões, condução em estado de embriaguez, violência, etc..

Algumas vezes estes sujeitos retomam o uso integrado do álcool, estágio anterior, no sentido de uma procura de recuperação das relações familiares, do emprego, dos amigos. Alguns mantêm o consumo excessivo de forma estável, ou seja, não passam ao quinto estágio: Estádio de dependência.

### 5. Estádio de Dependência

Para Dijk (1979) este estágio caracteriza-se por uma dupla habituação: Fisiológica e psicológica. O sujeito perde toda a sua liberdade de escolha ou decisão pois está totalmente condicionado pela bebida.

Esta alteração na capacidade de controlo tem vários factores que com ela estão implicados: factores individuais e factores como a pressão.

Dijk diz que mesmo neste estágio o comportamento alcoólico não é irreversível e o sujeito pode ainda conseguir “adaptar o seu consumo aos usos sociais do seu meio cultural”. (Dijk, 1979; cit. por Adès, et al 1997). Na ausência de tratamento o sujeito vai continuar a beber de forma desenquadrada e prejudicial ao seu bem estar físico e psicológico.

Para Dijk é possível identificar e distinguir os factores geradores e perturbadores de dependência: i) os **factores geradores** do consumo patológico derivam quer de efeitos psicofarmacológicos do etanol (álcool), da personalidade do consumidor, dos valores sociais e culturais bem como do significado sociológico do consumo de álcool e das influências e pressões exercidas pelo meio no qual o sujeito se encontra inserido; ii) os **factores perturbadores** da dependência são, para o autor, sociais, psicológicos, cérebro-orgânicos e farmacológicos. Entre estes factores gera-se um círculo vicioso que mantém e reforça o estado de dependência em que o sujeito se encontra.

O autor explica cada um destes aspectos da seguinte forma:

O **círculo farmacológico** explica a origem da necessidade de beber mais através do surgimento dos sintomas de abstinência e de privação, devido ao aparecimento da dependência física.

O **círculo psicológico** vai revelar no sujeito sentimentos de fracasso e culpa, bem

como medo face ao futuro, que vão por sua vez reforçar o consumo excessivo, aqui já utilizado como “tratamento” das situações ansiogénicas e depressivas que o sujeito atravessa.

O **círculo social** surge porque o sujeito sente necessidade de fugir dos conflitos familiares (cônjuge, filhos, pais) e sociais (amigos, emprego) que o seu estado de dependência e alcoolizações excessivas recorrentes provocam, conduzindo cada vez mais a um maior consumo e a uma maior degradação de todos estes aspectos.

Estes aspectos, por sua vez, vão interferir com o funcionamento cerebral (**círculo cerebral**) do sujeito, quer a nível biológico, quer a nível psicológico.

Este modelo de Van Dijk mostra-nos bem, como todos os factores estão de tal forma interligados o que implica que o desequilíbrio de alguns afecte o funcionamento de todos os outros, afectando também o consumo de álcool.

### **Álcool e Problemas na Família**

A principal função da família é ir ao encontro das necessidades dos seus membros nas diferentes áreas, tais como: Necessidades físicas, psicológicas, sociais, de suporte financeiro, bem-estar e ainda de facultar um ambiente que satisfaça o suporte, a educação e a socialização das crianças (Schuckit, 1998).

O problema do excesso de consumo de álcool, não diz unicamente respeito à pessoa que consome, mas a todos os que estão envolvidos no processo, nomeadamente a família nas pessoas da mulher/ marido e filhos.

O autor refere três tipos de comportamento face ao álcool que podem dar origem a problemas que afectam também terceiros: A intoxicação aguda, o consumo excessivo regular e a dependência.

A questão referida não é linear. Ou seja, a existência de uma pessoa com problemas com o álcool na família, não implica obrigatoriamente que a família seja disruptiva, embora seja isso que acontece na maioria das vezes.

Schuckit (1998) diz-nos que por vezes uma única intoxicação aguda pode ter efeitos traumáticos, e uma situação de consumo excessivo regular, pode não ter esse efeito se a família se conseguir manter funcional.

O que o autor diz é que não é propriamente a situação de dependência que provoca danos na família (principalmente nas crianças), mas sim a desarmonia que nela se instala.

Este aspecto torna-se relevante se se tiver em conta que, e de acordo com o Relatório

para a União Europeia, 70% da população que já realizou pelo menos uma desintoxicação alcoólica, é casada.

Existem, segundo dados do mesmo relatório, à data de 1996, 4,5 milhões de crianças a viverem em famílias alcoólicas na Europa.

Na população adulta europeia estão estimados 42 milhões de sujeitos que sofrem ou sofreram em determinada altura de dependência alcoólica (dados de 1997), com tendência a aumentar.

Tendo estes dados em conta, torna-se visível a importância do entendimento do fenómeno e dos danos que provoca a nível individual, familiar e social, bem como da forma como este fenómeno é percebido e processado (representações sociais).

Adès (1997) e Schuckit (1998), focam também a questão do divórcio e, se muitas das vezes o mesmo surge como consequência de uma situação de alcoolismo, na maior parte das vezes é uma das causas atribuídas à situação de alcoolismo. Nenhum dos autores refere no entanto a proporção de casos.

#### *Família: Papeis Internos e Externos*

Os papéis desempenhados no seio da família pelos seus membros tendem a ser alterados com a evolução da situação de alcoolismo, quer na sua dinâmica interna, quer na externa. O exemplo que Schuckit utiliza para este caso é o da criança que tem de deixar de ser criança e que toma para si algumas das responsabilidades da casa, nomeadamente intervindo também, e em conjunto com os outros elementos, numa desresponsabilização do alcoólico das suas tarefas.

Muitas vezes, e até para conseguir esconder o problema que a família vive ou para permitir a continuidade da negação do problema, há um dos elementos (normalmente mulher/marido), que progressivamente se encarrega de todas as tarefas da casa - suporte económico, recreativa, etc..

A tendência é para tentar esconder o mais possível uma situação que tantas vezes provoca vergonha e embaraço em público, levando a família a esconder-se e isolar-se cada vez mais.

Schuckit e a generalidade dos autores fazem ainda referência ao factor violência como sendo algo que estas famílias experimentam e vivem quase diariamente.

Em Portugal (dados do Relatório para a União Europeia) 16% dos casos de violência doméstica estão associados ao consumo de álcool e uma pequena percentagem deste

valor está associada ao consumo de outras drogas.

No que diz respeito ao abuso e negligência face às crianças, as estatísticas para as cidades do Porto e Lisboa referem que 49% dos casos envolvem álcool.

O consumo de bebidas alcoólicas vs o fenómeno do alcoolismo, como já foi referido, tem uma história longa e traduz-se numa problemática grave que tende a evoluir de forma rápida e acentuada afectando indivíduo, família e sociedade, pelo que se torna pertinente tentar conhecer a forma como se representa e categoriza o alcoolismo bem como os principais estereótipos associados e facilitar assim a forma como se elaboram processos de prevenção eficazes.

## MÉTODO

### Participantes

O nosso grupo de participantes é constituído por 115 sujeitos de ambos os sexos, todos estudantes de Psicologia a frequentarem o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos lectivos, com idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos (A *Média* de Idades é de 21,66 anos), maioritariamente do sexo feminino, 79% (91 sujeitos) e, 21% (24 sujeitos) do sexo masculino, estando distribuídos pelos anos lectivos da seguinte forma: 21% (24 sujeitos) que frequentavam o 1º ano, 17% (20 sujeitos) que frequentavam o 2º ano, 21% (24 sujeitos) que frequentavam o 3º ano, 20% (23 sujeitos) que frequentavam o 4º ano e 21% (24 sujeitos) que frequentavam o 5º ano. No grupo de alunos do 4º ano, constituído por 23 sujeitos, 74% (17 sujeitos) são da área de clínica, e 26% (6 sujeitos) da área de social. No grupo de alunos do 5º ano, constituído por 23 sujeitos, 48% (11 sujeitos) são da área de clínica, 35% (8 sujeitos) são da área de social e 17% (4 sujeitos) da área de educacional.

### Instrumento

O questionário utilizado neste estudo, foi construído baseado num questionário já existente, e que visava o estudo das representações sociais da toxicodependência (Ferreira, 1998).

O questionário que Ferreira utilizou é composto por 9 questões abertas, 4 questões fechadas e 1 questão que combina a forma aberta e fechada.

### *Adaptação do Instrumento à População*

O questionário foi apresentado a técnicos que trabalham na área do alcoolismo para obter o seu parecer em termos de validação das questões a colocar, a alterar e/ou a retirar, com vista à validação do próprio questionário. Por sugestão dos técnicos envolvidos neste processo, foram substituídas algumas questões por outras ligadas à área do alcoolismo e foi também substituída a expressão "toxicod dependência" (do questionário original) por "alcoolismo" (tema do nosso estudo).

Por fim realizou-se o pré-teste findo o qual se analisaram as respostas e se procederam às necessárias alterações para que o mesmo pudesse ser utilizado no nosso estudo.

### **Procedimento**

Foram aplicados 150 questionários divididos entre 5 turmas e as instalações da biblioteca. Todas as passagens dos questionários nas turmas ocorreram no início da aula, tal como no pré-teste, para que o factor cansaço fosse também o mais possível controlado.

## **RESULTADOS**

### **Tratamento Estatístico**

Iniciou-se o tratamento dos dados recorrendo à estatística descritiva, mais especificamente à análise de frequências, no sentido de se averiguar para a totalidade dos participantes (estudantes de Psicologia) as opiniões sobre questões relacionadas com o alcoolismo, sendo estas questões fechadas.

Recorremos também à estatística inferencial, no sentido de se investigar a existência de diferenças significativas nas respostas às várias questões, em função de variáveis como idade, género sexual, e ano escolar frequentado.

O tratamento estatístico utilizado insere-se na estatística Não - Paramétrica e foi o seguinte: *Teste Qui-Quadrado*: Nas questões com escala de resposta nominal (Questões: 2, 3, 8, 10, 11, 13, 14 e 15); *Teste Mann-whitney*: Nas questões com escala de resposta ordinal (questões 4 e 12); *Teste Kruskal-Wallis*: Nas questões com escala de resposta ordinal (questões 4 e 12); *Teste Wilcoxon*: Para averiguar a existência de diferenças

significativas na grupo total de participantes, entre a resposta à questão 4 e a resposta à questão 12, ou seja, verificar se a reacção a uma situação de alcoolismo é diferente se a pessoa envolvida for colega ou se for amiga. (o teste Wiicoxon averigua diferenças intra-grupo, enquanto que os 2 testes anteriores detectam diferenças inter-grupos).

De referir que foi considerada a hipótese de se utilizar, nas questões com escala de resposta ordinal, testes paramétricos, tendo para tal sido averiguada a existência de uma distribuição normal nessas questões, recorrendo-se ao teste de Shapiro.

O teste de Shapiro provou a inexistência de normalidade nas questões 4 e 12, inviabilizando o recurso às provas paramétricas. Note-se que a existência de uma distribuição normal, a par de uma homogeneidade de variâncias nos grupos em estudo são condições e requisitos necessários para se poder recorrer aos testes paramétricos.

### **Análise de Conteúdo e Codificação dos Dados Semânticos**

Nas questões abertas do questionário recorreu-se à análise de conteúdo. Primeiro fizemos uma leitura flutuante das respostas às questões abertas (pré-análise do material), procedendo de seguida à análise de conteúdo das opiniões dos alunos. As respostas foram agrupadas em categorias em função da semelhança do seu conteúdo e coerência lógica.

Para este passo no tratamento dos dados, recorreu-se à codificação do material tendo sido escolhidas as unidades de registo (tema) que designam a categoria em que o material vai ser colocado, em função da semelhança do seu conteúdo e coerência lógica, como já foi referido.

Posteriormente procedeu-se à contagem do número de sujeitos por categoria de resposta, convertendo esses valores em percentagens.

A opção pela análise de conteúdo temática e não outra, teve como finalidade tentar perceber quais os principais temas e conteúdos associados ao alcoolismo e criar algumas categorias onde fosse possível incluí-los.

Esta escolha teve também algum suporte em Moscovici (1978; cit. por Rangel, 1997), que nos diz que as comunicações, neste caso as respostas dos nossos sujeitos informantes, Spink (1993; cit. por Rangel, 1997), "formam e formam-se" pelas representações. Ao analisarmos as principais temáticas apresentadas pelos sujeitos, tentaremos chegar às principais representações do alcoolismo da nossa amostra, nomeadamente os principais estereótipos que a elas se encontram associados.

Moscovici (1978) diz-nos que as codificações que se encontram centradas no conteúdo

das respostas são direccionadas para a identificação dos temas mais frequentes a respeito do problema. Estas codificações permitem-nos, de acordo com o autor, definir o vocabulário que exprime os mesmos temas. As categorias temáticas ajudam-nos a isolar e generalizar a informação facilitando assim a sua leitura.

Esta questão coloca-nos, perante a subjectividade da escolha do vocabulário, sendo este aspecto limitativo da objectividade do estudo. Esta falta de objectividade é referida por Rangel (1997), que refere como limitação do método de análise de conteúdo para as representações sociais a existência de subjectividade nas interpretações do investigador, bem como a dificuldade em limitar as ideias expressas nas representações, se reconhecermos que, e em especial na Psicologia, as ideias têm contidas em si a possibilidade de se desdobrarem em outras ideias ou de serem equivalentes a outras.

Colocar as diferentes ideias em "unidades de sentido" - designação da categoria - requer que se procure descrever o melhor possível as ideias identificadas nas representações, não esquecendo que muito mais estará contido nessas mesmas representações e que o vocábulo escolhido não transmite tudo (Rangel, 1997).

Estrela (1997) refere que embora se leve em conta o que Moscovici (1978) disse: "A modificação centrada no conteúdo nos autoriza a definir o vocabulário...", não podemos esquecer que, a leitura, a interpretação e a "tradução em categorias" daquilo que os sujeitos exprimem, passa pelas próprias representações do investigador o que é factor limitativo do método pela subjectividade que acarreta.

Em cada unidade de codificação (categoria criada) vai ser interpretada uma qualidade ou defeito atribuído ao tema, sendo essa interpretação o mais possível coerente e lógica (Bardin, 1977).

Em determinada altura, Bardin diz que não é possível "esgotar o discurso", ou seja, que as técnicas e as interpretações atraem-se umas às outras, sendo sempre possível analisar mais, dentro da ideia ou categoria.

Os critérios de escolha e de delimitação das categorias são orientados pela própria dimensão da análise e pelo objectivo pretendido pelo estudo. Neste caso, aquilo que se pretende, é tentar chegar às principais categorias do alcoolismo nos estudantes de Psicologia dos nossos participantes.

Vala, (1989; cit. por Rangel, 1997) comenta Krippendorff da seguinte forma:

"O rigor não é exclusivo da quantificação, nem tão pouco garante por si a validade e fidedignidade que se procura."

Aquilo que Rangel (1997) nos diz é que a análise da representação social, facilita a compreensão da "solidez", "estabilidade" e "permanência de ideias" que se manifestam em conceitos e em imagens, formados por mecanismos como a objectivação e a ancoragem.

Os resultados adiante encontram-se em anexo (Vide Anexo).

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O objectivo deste estudo foi tentar conhecer algumas das representações sociais do alcoolismo em estudantes de Psicologia. Ao analisarmos as diferentes categorias temáticas e estereótipos que encontramos ao longo dos resultados obtidos, chegamos ao que são as principais representações do alcoolismo do nosso grupo de participantes, no momento em que a recolha foi efectuada.

Para além da importância da partilha de ideias como um dado que nos indica a existência de representações (Moscovici, 1961), mereceu-nos também a atenção algo que é destacado por Moscovici e Doise (1991), que é o facto de que nas representações individuais se encontram expressões da formação social do pensamento. Tajfel (1969) fala-nos do *como? O quê? E Quando?* dos estereótipos e diz-nos o autor que o *Como* dos estereótipos corresponde ao processo de categorização já identificado por Allport (1954). Refere ainda Marques (2003) que o *Quando* dos estereótipos é-nos dado pelo processo de busca de coerência ou atribuição causal. Sic.. De facto, em algumas respostas é possível verificar a procura de atribuição de sentido e da explicação técnica da problemática estudada, podendo torná-la contida e controlada nos limites do léxico técnico. Ainda segundo Marques (2003) os estereótipos cumprem a função essencial de preservar os nossos recursos cognitivos, já que os mesmos são poucos para a grande complexidade do social que nos rodeia. Ainda segundo a autora, os estereótipos guiam todo o processamento de informação relacionado com grupos e categorias sociais, definindo eles próprios, que informação é processada ou que informação é ignorada.

Quando se estudam grupos específicos de sujeitos utilizando a análise de conteúdo, tomam-se estes sujeitos como "informantes representativos de posições sociais consideradas relevantes para a formação ou transformação das representações" (Spink, 1993; cit. por Rangel, 1997).

Reverendo a ideia de Vala de que a "representação é a expressão de um sujeito", Estrela et al, cit. por Rangel, 1997, diz que se pode confirmar a importância do pensamento individual,

bem como dos sentimentos a ele associados que "ecoam" no pensamento e sentimentos colectivos, aspectos estes ligados aos estereótipos.

Tajfel e Moscovici (1968; cit. por Rangel, 1997), destacam que a finalidade da análise de conteúdo será pois efectuar inferências com base numa lógica explicativa sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas, sendo este o motivo que nos leva a falar de coerência lógica para as categorias.

O estudo das representações sociais envolve dois problemas distintos: o primeiro, está directamente relacionado com a forma como se processa a recolha de dados e o segundo com a forma como se processa a análise dos dados, isto para que se possa tentar perceber de que forma estes últimos se relacionam com o objecto (representações) do trabalho.

Para que seja possível afirmar que estamos a estudar representações sociais, torna-se necessário operacionalizar os vários elementos que as caracterizam (Pereira, 1997).

1. No que diz respeito ao primeiro aspecto a ter em conta no estudo das representações sociais, que nos foi referido por Pereira (a recolha dos dados), e segundo Rangel (1997), a melhor forma de recolha de dados para o estudo das representações sociais é a entrevista. Este método permite tornar menos limitado o acesso à informação, comparativamente ao sistema por nós utilizado (questionário), em que o sujeito tem limitados, não só os temas (número limitado de questões) como também o espaço de resposta, dificultando a análise do material a codificar e, como tal, limitando o conhecimento sobre o objectivo do estudo: As representações sociais do alcoolismo.

2. O segundo aspecto, relacionado com a análise dos dados obtidos, também apresenta algumas limitações se tivermos em atenção o facto de a análise de conteúdo realizada ter sido temática e, como tal, os temas são por si só limitados não permitindo abranger tudo quanto são representações dos sujeitos sobre alcoolismo.

Desta forma, o estudo das relações estabelecidas entre as categorias encontradas e este grupo social específico (estudantes de Psicologia) está limitado, estando também limitada a possibilidade de sabermos qual a exacta ancoragem desta representação, embora se possa assinalar uma tendência para a ancoragem nos aspectos mais técnicos da questão.

Para além destas questões, existem as que se encontram ligadas à subjectividade

da codificação do material que, como nos diz Festinger (1974), provavelmente se outros investigadores criassem categorias para as mesmas respostas, elas seriam diferentes. Festinger refere que dois analistas diferentes podem consentir em analisar o mesmo material mas mesmo assim podem não concordar completamente com os códigos ou designações atribuídas às categorias.

Segundo Pereira (1997) esta deve ser realizada por investigadores experientes no tema, o que permitiria uma maior aproximação do material codificado ao tema em si. Ao longo do trabalho tentámos a maior objectividade na escolha das palavras que definiam o tema optando por utilizar termos, eles próprios utilizados pelos diferentes autores. O autor refere ainda ser sempre necessário ter em linha de conta o facto desta escolha apresentar uma subjectividade inerente ao próprio investigador enquanto sujeito portador das suas próprias representações, subjectividade essa que se opõe à objectividade necessária a qualquer estudo científico.

Sendo a objectivação a "imagem" que suporta e referencia a acção, as principais categorias temáticas presentes no nosso estudo são os elementos que constituem o possível delineamento do núcleo central desta representação. Os outros elementos, seriam os constitutivos do sistema periférico da representação do alcoolismo para a nossa amostra. Este sistema é, tal como refere Abric (1994), o que suporta, pela sua "elasticidade" o sistema central, permitindo aos sujeitos diferenciarem-se entre si, sem no entanto se desenquadrarem da cultura grupal em que estão inseridos, permitindo-lhes uma melhor integração e equilíbrio individual e social.

Para melhor podermos entender o porquê das respostas obtidas se situarem, basicamente, numa perspectiva técnica e, por isso, quase única e exclusivamente ligadas à facticidade do tema (encontrando-se por isso afastadas de qualquer perspectiva mais emocional) tentámos perceber qual a forma de activação dos estereótipos utilizada pelos nossos participantes, de que forma se visualiza esse processo e ainda fazer referência a alguns autores de suporte a estes aspectos como: Devine, (1989), Dovidio e Gaertner (1998), Glória (1996) e Sousa (1991).

Allport (1954 cit por Marques, 2003) refere que os estereótipos não são necessariamente uma manifestação "mental aberrante ou sui generis", os estereótipos são o resultado de um processo cognitivo básico – o processo de categorização.

Nas questões 8 - *Terminaria o seu namoro (partindo do pressuposto que namora) por saber que a pessoa era alcoólica?* e 11 - *Terminaria uma relação de amizade por saber que*

a *pessoa era alcoólica?*) a determinada altura os nossos participantes mostram-se num registo de defesa, escolhendo criteriosamente palavras e justificações técnicas para as respostas que dão.

Dovidio e Gaertner (1998), realizaram um estudo sobre preconceito vs estatuto, com estudantes universitários, tendo chegado à conclusão de que o facto dos estudantes acreditarem que as suas decisões teriam implicações directas para a sua vida, influenciava as respostas dadas.

De facto, a proximidade pode tornar-se, em certas circunstâncias, uma condicionante das respostas, tal como acontece nas questões 8 e 11 do nosso questionário

Perante a situação de namoro colocam mais vezes a hipótese de terminarem a relação, ou então colocam como ponto de partida essencial à sua continuação a necessidade de recuperação do parceiro(a), motivação e força de vontade para essa recuperação, etc. Estes aspectos são referidos para a questão relativa à amizade mas no sentido da sua importância para o sujeito alcoólico, sem que tal seja condição necessária à manutenção e continuidade da relação porque no geral o que é referido é que os amigos têm obrigação de ajudar e de dar todo o seu apoio quando é preciso.

Desta forma, podemos tentar relacionar os aspectos referidos, com os processos cognitivos que estão na base da activação dos estereótipos.

Esta activação pode ser concretizada através de processos controlados (analíticos) ou automáticos (não analíticos) (e.g. Posner & Snyder, 1975; Schneider & Shiffrin, 1977; Shiffrin & Schneider, 1977; cit por Devine, 1989).

Na questão do namoro, os sujeitos utilizam o processo controlado, analisando e procurando uma resposta equilibrada para o ponto de vista emocional (mantendo a relação) mas, simultaneamente, tendo consciência das implicações directas para a sua vida de uma relação com um sujeito alcoólico. Numa relação de amizade o processo de activação é mais automático utilizando ou manifestando os "clichés" sociais de que "os amigos são para as ocasiões" e que "não se abandona um amigo quando este mais precisa de nós".

Como referiu Paez (1987) os estereótipos podem também ser considerados como crenças populares sobre a probabilidade de surgimento de certos comportamentos, pensamentos ou sentimentos em certos grupos, sendo que a pertença a um grupo vai ser a fonte de informação provável sobre as características dos sujeitos membros do(s) grupo(s) em questão.

Fazendo uma análise mais global das respostas dadas pelo nosso grupo de

participantes, o processo aparentemente mais utilizado foi o controlado.

As respostas socialmente desejadas são, como já foi referido, clichés que permitem um equilíbrio e harmonia individuais e colectivos. Tal como Abric (1994) refere, são os elementos periféricos de uma representação que vão permitir uma modulação individual, da e na representação, sem no entanto se correr o risco de perder os elementos que mantêm a coesão da representação (núcleo). Estes aspectos poderão ser colocados lado a lado com os processos de activação dos estereótipos sendo que estes também são activados de acordo com o que melhor serve os sujeitos numa determinada situação ou relação.

Ainda com relação às respostas socialmente desejadas que encontramos no geral das questões colocadas e às expectativas, formulamos a hipótese de serem as respostas que os sujeitos pensam que se espera de alguém que estuda numa área das ciências humanas tão específica como é a Psicologia, e de quem se espera imparcialidade inquestionável.

As expectativas surgem, desta forma, como um processo controlado de activação dos estereótipos. Tal como diz Sousa (1991), quando o sujeito evoca um qualquer objecto social, não o faz no vazio mas, antes pelo contrário, está sujeito a toda uma série de condicionamentos e conhecimentos que levam o sujeito a uma reflexão e a um processo cognitivo que indica a melhor resposta para a situação. De referir no entanto que a resposta varia, tal como já mencionado, com a maior ou menor proximidade do sujeito em relação ao objecto social em questão.

De facto, e como podemos observar, a maioria das respostas obtidas vão ao encontro dos aspectos mencionados pelo genérico dos autores (e.g. Edwards, 1998; Schuckit, 1998) para os diversos aspectos relativos à situação de alcoolismo, como as principais causas e problemas associados a esta questão, as medidas de prevenção e fontes de informação, etc..

Coloca-se-nos no entanto uma questão que é a seguinte: Será que o facto do nosso grupo de participantes ser constituído por alunos de Psicologia, condicionou as suas respostas no sentido de as mesmas corresponderem às expectativas associadas ao que pensam que deles se espera (conhecimento, objectividade, imparcialidade, etc.)?

Segundo Glória (1996) quando uma pessoa responde a um questionário, pode modular as respostas às questões, de acordo com a concepção global do objecto visado pelo investigador. O sujeito experimental controla o seu comportamento de modo a fornecer uma imagem coerente de si próprio, apropriada à representação da situação experimental

Era no 3º ano que se decidia qual o caminho a seguir, era no 3º ano que as grandes questões sobre o futuro académico/profissional normalmente apareciam é por isso expectável que uma maior importância seja dada à informação veiculada pela escola. Assim sendo, é interessante referir que o ano académico no qual os alunos dão maior importância à informação veiculada pela escola é o 3º ano com 88%, em comparação com os outros anos: 1º ano (58%), 2º ano (55%), 4º ano (70%), 5º ano (79%). De referir também que o principal veículo de informação seleccionado pelos participantes foi a televisão com 96%, 95%, 83%, 74% e 88% nos 1º, 2º, 3º, 4º e 5ºs anos, respectivamente.

Quando questionados sobre as principais evocações que lhes ocorrem quando pensam em alcoolismo os nossos participantes referem vários temas de entre os quais é possível conhecer os principais estereótipos associados ao tema "alcoolismo": Dependência do álcool (física e psicológica) (44%), Sofrimento emocional (38%), Violência (36%).

Os estereótipos onde se inserem as principais causas do alcoolismo apontadas pela nossa amostra - *Questões sociais/ambientais* 95%, *Sofrimento emocional* 87%, *Conflitos intra e interpessoais* 68%; os estereótipos que apontam as principais medidas a tomar face à prevenção do alcoolismo - *Campanhas de prevenção nos mass media* 53%, *Actuar ao nível da disponibilidade da substância* 47% e *Promover o equilíbrio emocional* 31%; os estereótipos onde se incluem as medidas a tomar face ao alcoólico - *Encaminhamento para instituições* (apoio médico e psicológico) 57%, *Apoio emocional* 39%; os estereótipos relativos aos problemas a que a nossa amostra mais associa o alcoolismo apresentam todas percentagens elevadas como: *Consequências a nível físico* 93%, *Consequências sociais* 92%; *Consequências a nível familiar* 52%, *Consequências psicológicas* 39% e *consequências de natureza profissional e/ou escolar* 28%; os estereótipos encontrados para os principais factores que influenciam a maior ou menor susceptibilidade de algumas pessoas face ao álcool dividem-se entre as *Características de personalidade e Factores psicológicos* 63%, os *Factores sociais e ambientais* 52% e os *Factores genéticos* 13% (é de referir que, embora a maioria dos autores (e.g. Edwards, 1998; Àdes, 1997; Schuckit, 1998), apontem igual preponderância para este tipo de problemas dos factores genéticos e ambientais, a grande maioria dos nossos participantes refere os Factores de ordem psicológica e ambiental como os de maior peso em comparação com os Factores genéticos).

De facto, e para a generalidade dos autores (e.g. Edwards, 1998; Relatório para a União Europeia, 1998), estes aspectos são aquilo que mais marca a vida de um indivíduo

com uma dependência alcoólica, bem como a vida das pessoas que o rodeiam.

Schuckit (1998) faz ainda referência ao factor violência como sendo algo que estas famílias experimentam e vivem quase todos os dias.

Em Portugal (dados do Relatório para a União Europeia) 16% dos casos de violência doméstica estão associados ao consumo de álcool.

Os problemas relacionados com o álcool variam de forma acentuada na sua natureza, como na sua severidade e na sua persistência, não só em relação à família, mas também em relação aos amigos, ao emprego, à saúde, etc. Wetzel, (1991; cit. por Edwards, 1998). Estes aspectos mostram-se como conhecidos pelos nossos participantes.

Na sequência das principais evocações/associações, surgem aspectos ligados às principais causas para as quais os sujeitos remetem a situação de alcoolismo e que são aspectos muito abrangentes como as Questões sociais/ambientais (95%), Sofrimento emocional (87%) e Conflitos intra e interpessoais (68%).

De acordo com o que Àdes (1997) refere, o nosso grupo de participantes pouco deixou por dizer, mostrando objectividade e conhecimento sobre esta questão.

Quando se referem às questões da prevenção, os mesmos situam-se, mais uma vez, num contexto técnico e, de acordo com os autores, focam as principais medidas de prevenção, sendo então os principais estereótipos associados às categorias os aspectos como as Campanhas de prevenção nos mass media (53%), o Actuar ao nível da disponibilidade da substância (47%) e a Promoção do equilíbrio emocional do sujeito alcoólico (31%).

No que diz respeito à prevenção, Edwards (1998) refere por exemplo, as campanhas que se dirigem especificamente a um determinado tipo de população como os jovens, os condutores, as grávidas, etc. A Oficina da Nações Unidas de Fiscalização de Drogas e Prevenção da Delinquência, 2002, referida no estudo comparativo, Prevenção das toxicodependências no ensino Superior (2007), refere que é relevante salientar a importância da participação dos universitários na prevenção dos consumos. Moore e Gerstein (1991; cit. por Edwards, 1998), referem ainda que o tipo de actuação depende directamente do tipo de problemática existente.

Este aspecto pode ser também verificado nas frequências obtidas para as principais fontes de informação sobre o alcoolismo a que os sujeitos têm acesso: A televisão continua a ser o maior meio de acesso à informação com 87%, seguida da escola, revistas, família e finalmente os jornais.

No seguimento do estudo é possível ainda constatar que, paralelamente ao trabalho de prevenção, os principais estereótipos onde se incluem as medidas a tomar face ao sujeito alcoólico, se situam em duas áreas: Encaminhamento para instituições (apoio médico e psicológico) e Apoio emocional, 39% e 57% respectivamente.

A necessidade de trabalho em equipa, embora não mencionada directamente, está implícita pela importância dada ao acompanhamento médico e psicológico em simultâneo, o que é referido, nomeadamente por Schuckit e Ades (1997).

Este trabalho de equipa é necessário, como o referem os autores, e é um trabalho que abrange uma diversidade muito grande de áreas. Estas áreas foram também referidas nos principais estereótipos associados aos temas das respostas dos nossos sujeitos, quando questionados sobre quais os principais problemas a que associam o alcoolismo, sendo por esse facto áreas onde se torna importante a intervenção dos técnicos de saúde: Consequências a nível físico, social, a nível familiar, psicológicas e ainda de natureza profissional e/ou escolar.

Quando o consumo de bebidas alcoólicas é frequente e em doses elevadas, praticamente todos os sintomas psiquiátricos podem surgir, nomeadamente: Tristeza profunda, alucinações auditivas, etc. A insónia é frequente e pode durar até 3 a 6 meses após a abstinência.

Num estudo comparativo realizado ao longo do Projecto Stopdrog@s Prevenção das Toxicoddependências no Ensino Superior (Março, 2007) refere-se que, de todas as substâncias que são consumidas, o álcool é o mais problemático nas Universidades. Segundo o mesmo estudo, as derradeiras investigações confirmam que as universidades, continuam a tolerar os problemas com o consumo de álcool e outras drogas.

Mais uma vez e de acordo com o genérico dos autores, os temas apontados reflectem algum conhecimento técnico e realismo face ao problema.

Quando questionados sobre a maior ou menor susceptibilidade de algumas pessoas para o alcoolismo, os nossos participantes afastam-se do que é apontado pelos autores em termos quantitativos, mais do que propriamente qualitativos. Os principais estereótipos associados são as Características de personalidade e Factores psicológicos, Factores sociais e ambientais e Factores genéticos, sendo que o peso atribuído é de 63%, 52% e 13% respectivamente. Se tivermos em conta os dados referidos por Milier e Gold 1991; cit. por Adès (1997) de que os factores ambientais e os genéticos, condicionam em igual medida a dependência do álcool, percebemos que os nossos resultados se distanciam da

realidade proposta pelos autores, de forma acentuada.

É ainda de referir que de acordo com o que alguns estudos indicam, nomeadamente os dados do estudo da Fundação de Cascais (2000) e do Inquérito Nacional realizado por Gameiro (1998), neste estudo quem mais bebe são os rapazes (mais de 4 bebidas por festa por oposição às raparigas que bebem mais nos escalões de 1 a 2 bebidas ou de 3 a 4 bebidas). Também de fazer notar que neste estudo os rapazes bebem mais de ½ litro de vinho em festas e as raparigas ficam no valor máximo de 2 copos de vinho. Também em relação à cerveja, bebida que é usada pela camada mais jovem universitária, esta é bebida em maior quantidade pelos rapazes do que pelas raparigas (há valores significativamente diferentes para as raparigas na categoria 1 a 2 cervejas – valor superior ao dos rapazes e menos de 4 cervejas com valores significativamente inferiores ao dos rapazes).

Também no estudo “Prevenção das Toxicodependências no Ensino Superior” abrangido pelo projecto Stopdrog@s (2007), os rapazes têm um consumo mais elevado de álcool no geral, que as raparigas. Também neste estudo se verifica um consumo mais elevado ao fim-de-semana, sendo os rapazes os maiores consumidores também ao fim-de-semana, com consumos estatisticamente excessivos. Mais de metade dos inquiridos (52,8%) refere ter estado embriagado pelo menos numa ocasião.

É um facto que, no geral, o consumo de álcool pelas raparigas do nosso estudo, superou as nossas expectativas, no entanto, e apesar de serem valores que se apresentam em crescendo na Europa, continuamos com os rapazes a serem os maiores consumidores, entre os estudantes de psicologia, indo ao encontro dos resultados de estudos ao nível europeu. Apesar destas diferenças serem consistentes em Portugal e Espanha, o consumo excessivo, não apresenta diferenças entre os dois sexos.

Ainda sobre as diferentes susceptibilidades ao consumo excessivo de álcool, temos de salientar que, existe tendência para um consumo excessivo de álcool no grupo de participantes que colaborou no nosso estudo mas, de facto, essa tendência, é mais alargada. Num estudo sobre estilos de vida referenciado pelo projecto Stopdrog@s (2007), estudo esse desenvolvido por Sardón e outros (2004), os autores referem que 80% dos universitários consumiu em alguma ocasião bebidas alcoólicas, principalmente, e com regularidade, licores/combinados de alta graduação (63,3%), e cerveja (62,5%). 83,8% assume ter-se embriagado uma vez e 35,2% mais de 10 vezes. Tal como referido pelos nossos participantes, o maior consumo faz-se em festas. Na Extremadura (província espanhola), os universitários referem particularmente as saídas à noite (90% consome

álcool quando sai à noite).

No artigo de Vinagre e Lima (2006), as autoras por sua vez referem que os resultados que encontraram relativamente ao consumo de álcool apresentam, à semelhança de outros estudos, diferenças significativas em relação ao sexo e idade. Destacam-se para as autoras as bebidas destiladas quando comparadas com a cerveja (igual ao estudo realizado pela Fundação de Cascais em 2000) com maior relevância nas raparigas, sobretudo no que diz respeito a consumos que de alguma forma podem estar associados ao fim-de-semana, enquanto que para os rapazes têm um carácter de maior regularidade.

Como diz Chaves (2000), é na comunidade de representações que assenta toda a comunidade de práticas.

A partir das evocações dos nossos participantes, é possível identificar o campo de objectivação dos sujeitos e a partir da quantificação chega-se à sua estrutura, daí a importância de se reduzir o universo semântico a categorias (unidades de sentido) (Pereira, 1997).

Aparentemente, as respostas encontradas remetem quase exclusivamente para a técnica deixando perceber uma racionalização do tema do alcoolismo, para além do conhecimento que se percebe que os sujeitos detêm.

Uma possibilidade para se tentar conhecer um pouco melhor as formas de inibição presentes nas respostas, seria gravar em vídeo entrevistas sobre alcoolismo e construir uma grelha de comportamentos não verbais. Simultaneamente ao processo de análise de discurso das entrevistas proceder-se-ia à análise dos comportamentos não verbais (situando-os no discurso do sujeito), procurando desta forma perceber onde e se eram inibidas algumas respostas, no sentido da inibição dos estereótipos individuais em detrimento dos culturais ou dos outros factores mencionados anteriormente (proximidade e expectativas).

A natureza cada vez mais exigente dos comportamentos individuais e sociais implica por parte de todos os técnicos, um conhecimento de si e do meio que os rodeia. Cabe aos que ainda estudam, trabalhar para esse conhecimento por forma a poderem no futuro realizar um trabalho consciente e útil, colocando-se disponíveis para trabalhar com o sujeito que sofre, nas suas potencialidades, ampliando-as e nas suas dificuldades, minimizando-as o mais possível.

Os resultados obtidos, de alguma forma permitem-nos lançar algumas ideias relativas à implementação e planeamento de estratégias de prevenção e educação. É de referir que

pelo facto de muitos adolescentes/jovens já terem sentido as consequências imediatas positivas de alguns consumos, não é fácil ter neles impacto com campanhas pela negativa. Na maior parte dos casos, as consequências negativas não são sentidas como tendo tanto peso quanto as positivas (quando as mesmas já existiram), logo, será mais prudente e vantajoso a prevenção ser feita apresentando as vantagens do não consumo, em vez das desvantagens do consumo (Vinagre & Lima, 2006).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, J. (1987). *Cooperation, competition e representation sociales*. Fribourg: Delval.
- Abric, J. (1994), *Pratiques sociales: representations*. Paris: PUF.
- Abric, J. (1994). L'organisation interne des representations sociales: système central et système périphérique. In C. Guimelli, Structures et transformations des representations sociales (pp.73-84). Paris: Delachaux et Niestlé.
- Adès, J., & Lejoyeux, M. (1997). Comportamentos alcoólicos e seu tratamento. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1997).
- Allport, G. W. (1954). The nature of prejudice. Cambridge MA: Addison-Wesley.
- Amâncio, L. (1996). Identidade social e relações intergrupais. In J. P. Vala, & M. B. Monteiro (Eds.), Psicologia Social, (pp. 287-307). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bardin, L. (1977). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70,
- Carvalho, A. & Leal, I. (2002). Representações Sociais do Consumo de álcool e drogas em adolescentes. 4º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. Lisboa, 2 a 5 de Outubro.
- Chaves, M. (2000). Dar à fuga: comunidade e sujeito num contexto de narcotráfico. *Análise social*. XXXIV (153). 893-932.
- Devine, P. G. (1989). Stereotypes and prejudice: their automatic and controlled components. *Journal of personality and social psychology*. 56. 5-18.
- Dias, A. (2006). Alcoolismo: compreensão psicodinâmica. Etanol um líquido metonímico. (1ª Ed.) Climepsi Editores
- Doise, W. & Palmori, A. (1986). Caractéristiques des représentations sociales. In W. Doise, & A Palmori (Dir). L'étude des représentations sociales. Paris : Delachoux & Niestlé
- Doise, W. (1984). Articulação psicossociológica e as relações entre grupos. Lisboa: Moraes Editores.
- Doise, W. (1990). Les representations sociales. In R. Ghiglione, C. Bonnet, & J. Richard

(Eds.), Traité de Psychologie Cognitive 3. 111-175. Paris: Dunod.

Doise, W., Clémence, A., & Lorenzi-Cioldi, F. (1992). Representations Sociales et analyses de donnees. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

Dovidio, J. F. & Gaertner, S. L. (1998). On the nature of contemporary prejudice: the causes, consequences and challenges of aversive racism. In J. L. Eberhardt & S. T. Fiske (Eds.), Confronting racism: the problem and the response (pp. 3-32). Thousand Oaks, CA: Sage.

Edwards, G., e col. (1998). A politica do álcool e o bem comum. Lisboa: Artes Médicas.

Ehrlich, H. (1973). The Social psychology of prejudice. New York: Wiley

Estrela, A e Ferreira, J (1997), Métodos e técnicas de investigação científica em educação: VII colóquio nacional. Lisboa: Universidade de Lisboa. (Eds)

Estudo comparativo: Prevenção de Toxicodependências no Ensino Superior (2007). Projecto Stopdrog@s. Instituto Politécnico de Beja

Eurocare (1995). Counterbalancing the Drinks Industry. A summary of the Eurocare Report to the European Union on Alcohol Policy. Cambridge

Festinger, L. (1974). A pesquisa na psicologia social. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Fundação Cascais (2000). Consumo de álcool e suas implicações na aprendizagem. [On-line]. Available: <http://pagina.de/fc-alcoolismo>.

Gameiro, A. (1998). Hábitos de consumo de bebidas alcoólicas em Portugal -1985, 1991 e 1997. Editorial Hospitalidade.

Gloria, J. (1996). Orientações metodológicas na psicologia social. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.). Psicologia social. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jodelet, D. (1991). Representations Sociales: un domaine en expansion. In Jodelet (Ed.), Les Representations Sociales, 31-61. Pais PUF.

Leyens, J. P. (1985). Teorias da personalidade na dinâmica social (1ª Ed.). Lisboa: Verbo.

Lippman, W. (1922). Public Opinion. New York: Harcourt & Brace.

Marques, J. M. (1988). Categorização social, identidade social e homogeneidade de outgroup: Uma análise conceptual. Análise Psicológica, VI (3/4). 279-305.

Marques, T. & Marques L. (2003). Estereótipos e Cognição Social. (1ª Ed.). Textos Fundamentais, Vol. 1. ISPA

- Miranda, J. (1996). Estereótipos Sociais. *Psicologia*, 11. 101-120.
- Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse son image et son public*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (1984). *Psychologie social*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (1984) Psychologie Social. Paris: PUF
- Moscovici, S., & Doise, W. (1991). Dissensões e consenso: Uma teoria geral das decisões colectivas. Lisboa: Livros Horizonte.
- Myers, D. (1999). Psicologia. Madrid: Editorial Medica Panamericana. (Obra original publicada em 1998).
- Paez, D., & Ayestram, S. (1987). in D. Paez (Ed.), Pensamiento, individuo v sociedad: cognicion v representacion social. Madrid: Editorial Fundamentos.
- Pereira, C. (1997). A análise de dados nas representações sociais. Análise Psicológica, XV (1), 49-62.
- Posne, M. & Snyder, C. (1975). Attention and Cognitive Control.
- Rangel, M. (1997). Análise de conteúdo e a análise do discurso como metodologias de pesquisa de representação social. In A. Estrela & J. Ferreira (Eds.), *Métodos e técnicas de investigação científica em educação: VII colóquio nacional* (pp. 471-499). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Relatório para a União Europeia (1998). *Alcohol problems in the family*. Eurocare: England.
- Sardón, A., Mirón, M., Canelo, J. & Sáenz, M. (2004). Estilos de vida relacionados con la salud en universitarios. *A tu Salud*; Junio, 10-14
- Schuckit, M. A. (1998). Abuso de álcool e drogas. Lisboa: Climepsi.
- Smith, P. B., & Bond, M. H. (1993). Social psychology across cultures. Cambridge: University Press.
- Sournia, J. (1986). Histoire de L'alcoolisme. Paris, Flammarion.
- Sousa, E. (1991). Dos conteúdos representacionais às representações sociais. Análise Psicológica, IX (1). 25-31.
- Tajfel, H. (1969). Cognitive Aspects of Prejudice. *Journal of Social Issues*, 25, 79-97.
- Tajfel, H. (1972). La categorization social. In S. Moscovici (Ed.), Introduction à la psychologie social (pp. 272-303). Paris: Larousse.
- Tajfel, H. (1984). *The social dimension: European studies in social psychology*. Cambridge: University Press.
- Tavares, R. (2002). Portugal segundo país da UE q mais álcool consome. Consultado

em [www.tvi.iol.pt/informacao/noticia.php?id=28603&ed=1](http://www.tvi.iol.pt/informacao/noticia.php?id=28603&ed=1).

Vala, J. (1996). Representações Sociais – Para uma psicologia social do pensamento social. J. Vala & M. B. Monteiro (Eds), Psicologia Social (pp. 353-384). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vala, J., & Monteiro, B. (1996). Psicologia social (2ª Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vala, J., (1986). Sobre as representações sociais - para uma epistemologia do senso comum. Cadernos de Ciências Sociais, 4, 5-30.

Vala, J., Brito, R., & Lopes, D. (1999). Expressões dos racismos em Portugal. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Vinagre, M. & Lima, M. (2006). Consumo de Álcool, Tabaco e Droga em Adolescentes : Experiência e Julgamentos de Risco. Psicologia, Saúde e Doenças. Vol. 1, Lisboa.

## ANEXO – RESULTADOS

Apresentam-se de seguida os resultados obtidos.

Recorreu-se, à estatística descritiva, nomeadamente à análise de frequências, para estudar as questões fechadas e à análise de conteúdo temática, para as questões abertas.

### Questão 1: "A que associa o alcoolismo?"

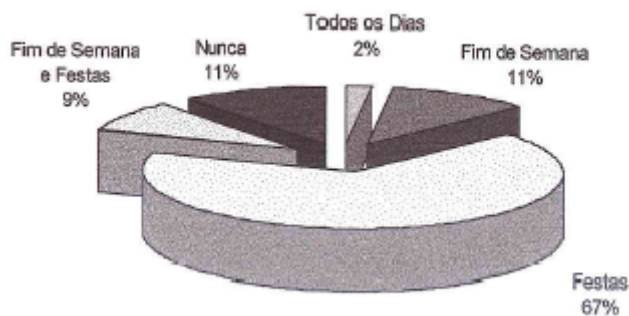
Tabela 1 – Associações do Alcoolismo

CATEGORIAS		MATERIAL CODIFICADO	
Dependência do álcool (Física e Psicológica)	44%		
Sofrimento Emocional	38%	Depressão, desgosto, infelicidade	19%
		Carências afectivas	7%
		Solidão	4%
		Perturbação	3%
		Baixa auto-estima	3%
		Desespero	1%
		Trauma	1%
Violência	36%	Violência Doméstica	20%
		Violência	13%
		Delinquência	3%
Conflitos	17%	Problemas Familiares	10%
		Problemas laborais e financeiros	7%
Divertimento (discotecas, bares, festas)	15%		
Doença	10%		
Alterações Físicas	9%	Má disposição	3%
		Cirrose	3%
		Euforia	2%
		Tonturas	1%
Pressão Social e dos Pares	9%	Pressão Social	4%
		Pressão dos amigos	5%
Fuga aos Problemas	6%		
Questões Culturais (Hábitos e costumes do nosso País)	5%		

As associações que uma grande percentagem de sujeitos efectuou foram: o alcoolismo associado à dependência física e psíquica do álcool (44%), o alcoolismo associado ao sofrimento emocional (38%) e o alcoolismo associado à violência (36%).

## Questão 2: "Com que frequência costuma beber?"

Figura 1 - Frequência de consumo de álcool



A maioria dos sujeitos (67%) costuma beber apenas em festas. 11% refere que bebe nos fins-de-semana, 9% nos fins-de-semana e em festas, 2% bebem todos os dias e 11% nunca bebem. Dos que bebem todos os dias (2 sujeitos), 1 refere que bebe às refeições e outro que bebe à noite, sendo ambos do sexo masculino.

Tabela 2. Frequência de Consumo VS Idade, Género Sexual e Ano Escolar

	Todos os dias	Fim de Semana	Festas	Festas e Fim-de-semana	Nunca
<b>Idade &lt; 21 anos</b> (n=64)	0%	12%	72%	5%	11%
<b>Idade &gt; 21 anos</b> (n=50)	4%	10%	62%	14%	10%
<b>Sexo feminino</b> (n=91)	0%	10%	71%	8%	11%
<b>Sexo masculino</b> (n=23)	9%	17%	52%	13%	9%
<b>1º Ano ISPA</b> (n=24)	0%	17%	71%	8%	4%
<b>2º Ano ISPA</b> (n=20)	0%	15%	65%	5%	15%
<b>3º Ano ISPA</b> (n=24)	0%	0%	83%	8%	8%
<b>4º Ano ISPA</b> (n=23)	4%	13%	61%	9%	13%
<b>5º Ano ISPA</b> (n=23)	4%	13%	57%	13%	13%

(Nota: Houve 1 sujeito que não respondeu a esta questão)

Recorreu-se ao teste Qui-Quadrado no sentido de averiguar a existência de diferenças significativas na frequência de consumo entre os 2 grupos de idades, entre sexo feminino e sexo masculino e entre os vários anos escolares.

O teste Qui-Quadrado não revelou a existência de diferenças significativas entre os 2 grupos de idades, para  $p < 0,05$ , na frequência de consumo de bebidas alcoólicas ( $\chi^2 = 5,91$ ,  $p = 0,20$ ).

O teste Qui-Quadrado revelou diferenças significativas, para  $p < 0,05$ , na frequência de consumo entre os 2 sexos ( $\chi^2 = 10,51$ ,  $p = 0,03$ ): no grupo das mulheres comparativamente com o grupo dos homens há uma maior percentagem a consumir bebidas alcoólicas apenas em Festas (Sexo feminino - 71%, Sexo Masculino - 52%) e uma percentagem inferior a consumirem aos fins-de-semana (Sexo Feminino - 10%, Sexo Masculino-17%). Nenhuma mulher referiu consumir diariamente bebidas alcoólicas, enquanto que 9% dos homens referiram esse consumo.

Relativamente aos anos escolares o Qui-Quadrado não revelou diferenças significativas na frequência do consumo de bebidas alcoólicas ( $\chi^2 = 10,62$ ,  $p = 0,83$ ).

### Questão 3: "Qual a quantidade de álcool que habitualmente ingere? "

Tabela 3. Quantidade de álcool habitualmente consumido

CONSUMO DE CERVEJA	%
Almoço: 1-2 copos Cerveja	3%
Jantar: 1-2 Copos de Cerveja	3%
Jantar: 3-4 Cervejas	3%
Jantar: mais de 4 Cervejas	1%
Entre Refeições: 1-2 Cervejas	2%
Fim-de-semana: 1-2 Cervejas	12%
Fim-de-semana: 3-4 Cervejas	4%
Fim-de-semana: mais de 4 Cervejas	2%
Festas: 1-2 Cervejas	22%
Festas: 3-4 Cervejas	13%
Festas: Mais de 4 Cervejas	10%

Relativamente ao consumo de cerveja e às quantidades ingeridas, há uma maior percentagem de sujeitos que referem beber em festas 1 a 2 cervejas (22%), 3 a 4 (13%) e

mais de 4 cervejas (10%). De referir ainda que 12% costumam beber 1 a 2 cervejas no fim-de-semana, São poucos os sujeitos (menos de 5%) que referem beber cerveja ao almoço, ao jantar e entre as refeições.

De seguida procurou-se estudar a quantidade de cerveja ingerida em função de variáveis como género sexual, idade e ano escolar, tendo-se efectuado esse estudo para os consumos com percentagens superiores a 5%.

Tabela 4. Consumo de cerveja VS género sexual, idade e ano escolar

CERVEJA	Fim-de-semana 1 a 2		Festas 1 a 2		Festas 2 a 3		Festas + 4		Total
	SIM	NÃO	SIM	NAO	SIM	NAO	SIM	NÃO	
<b>Idade &lt; 21 anos</b> (n=64)	9%	91%	16%	84%	12%	88%	13%	87%	41%
<b>Idade &gt; 21 anos</b> (n=50)	16%	84%	29%	71%	14%	86%	8%	92%	51%
<b>Sexo feminino</b> (n=91)	12%	88%	25%	75%	12%	88%	4%	96%	41%
<b>Sexo masculino</b> (n=23)	12%	88%	8%	92%	17%	83%	33%	67%	58%
<b>1º ano ISPA</b> (n=24)	8%	92%	4%	96%	8%	92%	21%	79%	33%
<b>2º ano ISPA</b> (n=20)	5%	95%	15%	85%	15%	85%	5%	95%	35%
<b>3º ano ISPA</b> (n=24)	17%	83%	33%	67%	12%	88%	4%	96%	49%
<b>4º ano ISPA</b> (n=23)	17%	83%	22%	78%	17%	83%	17%	83%	56%
<b>5º ano ISPA</b> (n=23)	12%	88%	33%	67%	12%	88%	4%	96%	49%

No sentido de se averiguar a existência de diferenças significativas entre o grupo com idade inferior a 21 anos e o grupo com idade igual ou superior a 21 anos no consumo de cerveja, recorreu-se ao teste Qui-Quadrado. Este teste revelou a existência de diferenças significativas, para  $p < 0,05$  no consumo de 1 a 2 cervejas em festas: no grupo dos mais velhos há uma percentagem significativamente superior a consumir 1 a 2 cervejas em festas (29%), comparativamente com o grupo dos mais novos (16%) ( $\chi^2 = 3,17$ ,  $p = 0,05$ ). No consumo em festas, de 2 a 3 cervejas ou mais de 4 cervejas, não existem diferenças significativas entre estes 2 grupos, bem como no consumo de 1 a 2 cervejas no fim-de-semana.

Recorreu-se uma vez mais ao Qui-Quadrado para averiguar a existência de diferenças significativas entre sexo feminino e sexo masculino. O Qui-Quadrado revelou a existência de diferenças significativas, para  $p < 0,05$ , entre os 2 sexos no consumo, em festas, de 1 a 2 cervejas e de mais de 4 cervejas: no grupo das mulheres há uma percentagem significativamente superior a consumir 1 a 2 cervejas em festas ( $\chi^2 = 3,76$ ,  $p = 0,05$ ) e uma percentagem significativamente inferior a beber mais de 4 cervejas ( $\chi^2 = 17,01$ ,  $p = 0,00004$ ).

Relativamente à existência de diferenças significativas entre os vários anos escolares, o Qui-Quadrado revelou a existência de diferenças significativas no consumo de 1 a 2 cervejas em festas ( $\chi^2 = 10,01$ ,  $p = 0,04$ ): no grupo de sujeitos do 3º e do 5º ano há uma percentagem significativamente superior de indivíduos que bebem 1 a 2 cervejas em festas comparativamente com os sujeitos do grupo do 1º e do 2º ano. Relativamente ao consumo de mais de 3 a 4 cervejas e mais de 4 cervejas em festas não há diferenças significativas entre os 5 anos, o mesmo acontecendo no consumo de 1 a 2 cervejas no fim-de-semana.

Tabela 5. Consumo de Vinho

<b>CONSUMO DE VINHO</b>	
Almoço: 1 Copo	2%
Jantar: 1 Copo	4%
Jantar: 2 Copos	4%
Jantar: + de 1/2 Litro	2%
Fim de Semana : 1 Copo	2%
Fim de Semana : 2 Copos	4%
Fim de Semana : + 1/2 Litros	3%
Festas: 1 Copo	4%
Festas : 2 Copos	24%
Festas : + de 1/2 Litros	8%

Relativamente ao consumo de vinho e às quantidades ingeridas, há uma maior percentagem de sujeitos que refere beber em festas 2 copos (24%), e mais de 1/2 litro (8%). São poucos os sujeitos (menos de 5%) que referem beber vinho ao almoço, ao jantar e no fim-de-semana, não havendo ninguém que beba vinho entre as refeições.

De seguida procurou-se estudar a quantidade de vinho ingerida em função de variáveis como género sexual, idade e ano escolar, tendo-se efectuado esse estudo para os

consumos com percentagens superiores a 5%.

Tabela 6. Consumo de Vinho VS Género Sexual, Idade e Ano Escolar

VINHO	Festas:		Festas		Total
	2 copos		Mais de 1/2 lt		
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	
<b>Idade &lt; 21 anos (n=64)</b>	21%	78%	8%	92%	29%
<b>Idade &gt;21 anos (n=50)</b>	27%	73%	10%	90%	37%
<b>Sexo feminino (n=91)</b>	29%	71%	4%	96%	33%
<b>Sexo masculino (n=23)</b>	8%	92%	25%	75%	33%
<b>1º ano ISPA (n=24)</b>	8%	92%	21%	79%	29%
<b>2º ano ISPA (n=20)</b>	25%	75%	5%	95%	30%
<b>3º ano ISPA (n=24)</b>	37%	63%	4%	96%	41%
<b>4º ano ISPA (n=23)</b>	35%	65%	17%	83%	52%
<b>5º ano ISPA (n=23)</b>	17%	83%	4%	96%	21%

O teste Qui-Quadrado não revelou diferenças significativas para  $p < 0,05$ , entre os 2 grupos de idades no consumo em festas de 2 copos de vinho e no consumo de mais de  $V_2$  litro de vinho.

O teste Qui-Quadrado revelou diferenças significativas entre o sexo feminino e sexo masculino no consumo de vinho em festas: É significativamente superior, comparativamente com o que se passa no grupo dos homens, a percentagem de mulheres que bebem 2 copos de vinho em festas ( $\chi^2 = 4,22$ ,  $p = 0,03$ ) e significativamente superior a percentagem de homens, que bebem mais 1/2 litros de vinho em festas ( $\chi^2 = 10,15$ ,  $p = 0,001$ ).

O teste Qui-Quadrado não revelou diferenças significativas para  $p < 05$ , entre os diferentes anos escolares no consumo, em festas, de 2 copos de vinho e no consumo de mais de  $V^*$  litro de vinho.

Tabela 7. Consumo de outras bebidas

<b>CONSUMO DE OUTRAS BEBIDAS (Shots, Whisky, Gin, Vodka)</b>		<b>%</b>
Entre Refeições : 1- 2 Copos		1%
Fim-de-semana: 1-2 Copos		14%
Fim-de-semana: 3-4 Copos		8%
Fim-de-semana: + de 4 Copos		1%
Festas: 1-2 Copos		36%
Festas: 3-4 Copos		24%
Festas: + de 4 Copos		9%

Relativamente ao consumo de bebidas como shots, whisky, gin e vodka e às quantidades ingeridas, há uma maior percentagem de sujeitos que referem beber em festas 1 a 2 copos (36%), 3 a 4 copos (24%) e mais 4 copos (9%). De referir ainda que 14% costumam beber 1 a 2 copos e 8% 3 a 4 copos, no fim-de-semana. São muito poucos os sujeitos (1 %) que referem beber este tipo de bebidas entre as refeições (1 a 2 copos) e que referem beber mais de 4 copos destas bebidas no fim-de-semana.

De seguida procurou-se estudar a quantidade de outras bebidas ingeridas, em função de variáveis como género sexual, idade e ano escolar, tendo-se efectuado esse estudo para os consumos com percentagens superiores a 5%.

Tabela 8. Consumo de outras bebidas VS género sexual, idade e ano escolar

Outras Bebidas	Fim de Semana 1 a 2		Fim de Semana 3 a 4		Total	Festas 1 a 2		Festas 3 a 4		Festas Total mais de 4		
	SIM	NÃO	SIM	NÃO		SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	
<b>Idade &lt; 21 anos (n=64)</b>	7%	93%	11%	89%	18%	36%	64%	30%	70%	11%	89%	77%
<b>Idade &gt;21 anos (n=50)</b>	22%	78%	4%	96%	26%	33%	67%	18%	82%	6%	94%	57%
<b>Sexo feminino (n=91)</b>	12%	88%	7%	3%	19%	40%	60%	29%	71%	2%	98%	71%
<b>Sexo masculino (n=23)</b>	21%	79%	2%	88%	23%	17%	83%	8%	92%	33%	67%	58%

	Fim de Semana 1 a 2		Fim de Semana 3 a 4			Festas 1 a 2		Festas 3 a 4		Festas Total mais de 4		
<b>1º ano ISPA</b> (n=24)	12%	88%	17%	83%	29%	29%	71%	25%	75%	21%	79%	75%
<b>2º ano ISPA</b> (n=20)*	0%	100%	10%	90%	10%	25%	75%	45%	55%	0%	100%	70%
<b>3º ano ISPA</b> (n=24)	12%	88%	4%	96%	16%	62%	38%	12%	88%	4%	96%	78%
<b>4º ano ISPA</b> (n=23)	17%	83%	4%	96%	21%	17%	83%	22%	78%	9%	91%	48%
<b>5º ano ISPA</b> (n=23)*	25%	75%	4%	96%	29%	38%	62%	21%	79%	8%	92%	67%

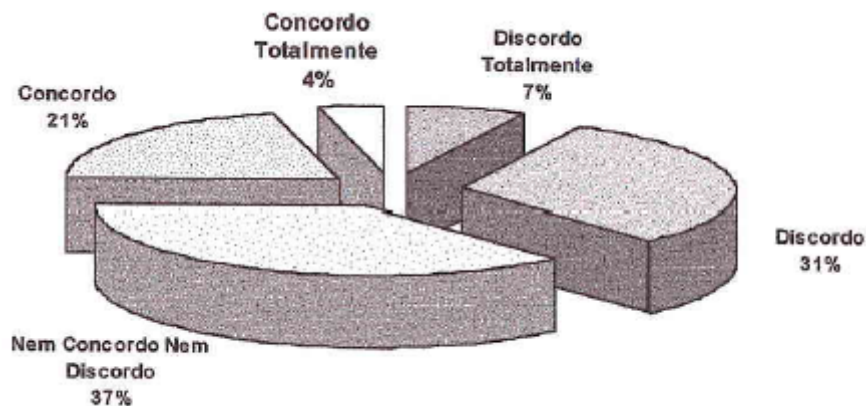
O Qui-Quadrado revelou a existência de diferenças significativas, para  $p < 0,05$ , entre os 2 grupos de idades no consumo 1-2 bebidas no fim de semana: existe uma percentagem significativamente superior de sujeitos com idade igual ou superior a 21 anos (22%) que consomem 1 a 2 bebidas no fim-de-semana comparativamente com o grupo com idade inferior a 21 anos (7%) ( $\chi^2 = 4,48$   $p = 0,03$ ).

Relativamente às diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino, o Qui-Quadrado revelou diferenças significativas no consumo em festas de 1 a 2 bebidas, 3 a 4 bebidas e mais de 4 bebidas: Há uma percentagem significativamente superior de mulheres que bebem 1 a 2 bebidas ( $\chi^2 = 4,38$   $p = 0,03$ ) e 3 a 4 bebidas em festas ( $\chi^2 = 4,22$ ,  $p = 0,03$ ) e uma percentagem significativamente superior de homens que bebem mais de 4 bebidas em festas ( $\chi^2 = 23,18$ ,  $p = 0,00002$ ).

Relativamente à existência de diferenças entre os vários anos escolares, o Qui-Quadrado revelou diferenças, para  $p < 0,05$ , no consumo de 1 a 2 bebidas em festas: há uma maior percentagem de alunos do grupo do 3º ano (62%) que bebem 1 a 2 bebidas em festas comparativamente com os outros anos escolares.

**Questão 4: "Aceito com naturalidade ter um(a) colega alcoólico(a)."**

Figura 2. Aceitar com naturalidade ter um(a) colega alcoólico(a)



Relativamente a aceitar com naturalidade ter um(a) colega alcoólico(a), há uma grande percentagem de sujeitos que revela indecisão (37% - Nem concordo nem Discordo). Note-se contudo que é maior a percentagem de sujeitos que discordam (31% discordam e 7% discordam totalmente) do que a percentagem de sujeitos que concordam (21% concordam e 4% concordam totalmente) aceitarem com naturalidade uma situação destas.

Tabela 9. Aceitar com naturalidade ter um(a) colega alcoólico(a): Diferenças em função da idade, género sexual e ano escolar

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concorde Nem Discordo	Concorde	Concorde Totalmente
Idade < 21 anos (n=64)	5%	32%	38%	20%	5%
Idade >21 anos (n=50)	10%	29%	35%	22%	4%
Sexo feminine (n=91)	8%	31%	42%	17%	2%
Sexo masculine (n=24)	4%	33%	17%	33%	13%
1º ano ISPA (n=24)	0%	<b>37%</b>	42%	13%	8%
2º ano ISPA (n=20)	5%	30%	30%	30%	<b>5%</b>
3º ano ISPA (n=24)	<b>9%</b>	29%	29%	29%	4%
4º ano ISPA (n=23)	<b>9%</b>	22%	43%	22%	4%
5º ano ISPA (n=23)	12%	38%	38%	12%	0%

No sentido de se visualizarem as respostas dos sujeitos, recorreu-se à análise de frequências. De referir que neste caso para se averiguar a existência de diferenças significativas entre os grupos em estudo não se utilizou o Qui-Quadrado porque sendo a escala de resposta ordinal foi possível recorrer-se ao Teste Não-Paramétrico Man-Whitney (no sentido de se averiguarem a existência de diferenças significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino e entre os 2 grupos de idades) e ao teste Não Paramétrico Kruskal-Wallis (para se averiguarem diferenças entre os 5 anos escolares).

O teste Mann-Whitney não revelou a existência de diferenças significativas entre os 2 grupos de idades ( $U = 1582,50$   $p = 0,78$ ) e diferenças significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino ( $U = 1563,50$   $p = 0,69$ ) na resposta a esta questão.

Quanto às diferenças entre os 5 anos escolares na resposta a esta questão o teste Kruskal Wallis também não revelou diferenças significativas ( $H = 3,55$ ,  $p = 0,46$ ).

De facto, em todos os grupos há uma percentagem elevada de respostas "nem concordo, nem discordo", não havendo uma dominância clara da resposta "Concordo", nem da resposta "Discordo" à questão "Encara com naturalidade ter um colega alcoólico".

**Questão 5: "Para si, quais são as causas do alcoolismo?" Enumere 4 causas.**

Tabela 10. Causas do alcoolismo

CATEGORIAS		MATERIAL CODIFICADO	
Questões Sociais / Ambientais	95%	Influência dos outros	31%
		Família alcoólica	29%
		Álcool associado ao divertimento	14%
		Auto-afirmação	11%
		Pressão / Stress	5%
		"Moda"	3%
		Maus tratos	1%
		Delinquência	1%
Sufrimento Emocional	87%	Depressão	33%
		Sufrimento causado pelo abandono / solidão	25%

CATEGORIAS		MATERIAL CODIFICADO	
		Baixa auto-estima	10%
		Frustração	8%
		Fuga aos problemas	8%
		Carências afectivas	3%
Conflitos Intra e Inter-Pessoais	68%	Problemas pessoais	41%
		Pobreza / instabilidade financeira	9%
		Desemprego	8%
		Família Conflituosa /complicada	5%
		Falta de perspectivas / objectivos	5%
Características de Personalidade	19%	Personalidade "fraca"	10%
		Baixo auto-controlo	5%
		Baixa resistência à frustração	3%
		Personalidade Borderline	1%
Factores Neurobiológicos	16%	Álcool como agente desinibidor	8%
		Prazer de beber pelo efeito que provoca	6%
		Dependência química	2%
Genética / Hereditariedade	13%		
Questões Culturais (Hábitos e costumes Portugueses)	8%		
Disponibilidade da Substância	6%	Facilidade de acesso	2%
		Legalidade	2%
		Consumo precoce na adolescência, pela facilidade de acesso	2%

A maioria dos sujeitos referiu os seguintes factores como causadores do alcoolismo: Questões sociais e ambientais (95%) que englobam aspectos como pressão dos pares, o crescimento dentro de uma família alcoólica e o valor social do álcool; sofrimento emocional (87%) que engloba a depressão, baixa auto-estima, frustração, sofrimento causado pelo

abandono e também a existência de Conflitos (68%), pessoais, familiares, laborais e financeiros.

**Questão 6: "Como se pode prevenir o alcoolismo? Aponte 4 aspectos."**

Tabela 11. Prevenção do alcoolismo

CATEGORIAS		MATERIAL CODIFICADO	
Campanhas de prevenção nos Mass Media	53%		
Actuar ao nível da disponibilidade	47%	Proibir o acesso a menores	30%
		Venda limitada em bares e discotecas a menores	13%
		Aumento do preço das bebidas	4%
Promover o Equilíbrio Emocional	31%	Apoio emocional	25%
		Encaminhar para instituições e grupos de auto-ajuda	4%
		Combater precocemente o problema	2%
Prevenção Escolar	27%		
Apoio Familiar e dos Amigos	18%		
Não beber, ou não beber em excesso	15%		
Prevenção nos Centros de Saúde	12%		
Evitar companhia de pessoas que bebem, ou locais onde se bebe.	6%		

Uma grande percentagem de sujeitos considerou importante as seguintes medidas para prevenir o alcoolismo: Efectuarem-se campanhas de prevenção nos órgãos de comunicação social (53%) alertando para os malefícios do consumo excessivo de álcool; Tomar medidas ao nível da disponibilidade da substância (47%), proibindo o consumo a menores, limitando a venda de bebidas alcoólicas por pessoa em bares e discotecas e aumentando o preço das bebidas; Promover o equilíbrio emocional (31%), através do apoio emocional e do encaminhamento de pessoas com problemas emocionais para ajuda profissional; apostar na prevenção escolar (27%); e promover a existência de suporte/apoio familiar e dos amigos (18%).

**Questão 7: "Na sua opinião, que medidas deviam ser tomadas em relação às pessoas dependentes do álcool?"**

Tabela 12. Medidas a serem tomadas face ao sujeito alcoólico

CATEGORIA		MATERIAL CODIFICADO	
Encaminhamento para instituições (Apoio médico e psicológico)	57%		
Apoio Emocional	39%	Apoio das pessoas que rodeiam o alcoólico	24%
		Apoio da família	15%
Apoio ao Alcoólico (Como lidar com o problema)	15%		
Apoio à Família (Como lidar com o problema)	11%		
Criar Grupos de Auto-Ajuda e Centros de Apoio e tratamento	11%		
Reinserção Sócio-Profissional	7%		

Quanto às medidas a tomar em relação às pessoas dependentes do álcool, uma grande percentagem referiu: O encaminhamento para instituições, no sentido de receberem apoio médico e psicológico (57%); Investir no apoio emocional aos sujeitos dependentes do álcool (39%), apoio por parte da família e dos amigos; Ajudar o alcoólico a lidar com o problema (15%); Auxiliar a família ensinando-a a lidar com o problema de alcoolismo (11%); Criar mais instituições e grupos de auto-ajuda para pessoas dependentes do álcool (11%).

**Questão 8: "Terminaria o seu namoro (partindo do pressuposto que namora) por saber que a pessoa era alcoólica?"**

A maioria dos sujeitos (72%) refere que não terminaria o namoro se soubesse que o namorado(a) era alcoólico(a), 12% referem claramente que terminariam essa relação e 16% referem que dependeria da resolução do problema de alcoolismo.

Dos sujeitos que respondem que não terminariam o namoro (106 sujeitos) 72% referiram que não acabariam a relação porque iriam ajudar na recuperação do(a)

namorado(a) prestando apoio emocional e encaminhando o caso para ajuda profissional especializada, 13% referiram também que terminar o namoro só iria piorar a situação de alcoolismo e 10% referiram que uma situação de alcoolismo não é motivo suficiente para se acabar um namoro.

Dos sujeitos que responderam "depende" (17 sujeitos), 76% referiram que só não acabariam a relação se o(a) namorado(a) estivesse na disposição de se recuperar, 12% referiram que o fim da relação dependeria da qualidade da relação e do comportamento do(a) namorado(a), 6% referiram que dependeria da força ou grau de sentimento pelo namorado(a) e 6% do grau de alcoolismo do parceiro(a).

Dos sujeitos que responderam que terminariam o namoro (14 sujeitos), 43% referiram que terminariam porque a relação não seria satisfatória, 21% referiram que terminariam porque os alcoólicos se tornam agressivos e ciumentos, 14% referiram que acabariam a relação porque o(a) namorado(a) revela a fraqueza, e 7% referiram os seguintes motivos: "Incompatibilidade de filosofia de vida", "Se o parceiro é alcoólico é porque não retira da relação o que precisa em termos emocionais", "Incapacidade de ajudar" e "Não ser capaz de suportar a situação".

Tabela 13. "Terminaria o seu Namoro por saber que a Pessoa era alcoólica?": Diferenças nas respostas em função da idade, género sexual e ano escolar

	<b>SIM</b>	<b>NAO</b>	<b>DEPENDE</b>
<b>Idade &lt; 21 anos (n=64)</b>	<b>11%</b>	<b>75%</b>	<b>14%</b>
<b>Idade &gt;21 anos (n=50)</b>	<b>14%</b>	<b>70%</b>	<b>16%</b>
<b>Sexo feminino &lt;n=90)</b>	<b>12%</b>	<b>70%</b>	<b>18%</b>
<b>Sexo masculino (n=24)</b>	<b>13%</b>	<b>83%</b>	<b>4%</b>
<b>1° ano ISPA (n=24)</b>	<b>8%</b>	<b>83%</b>	<b>8%</b>
<b>2° ano ISPA (n=20)</b>	<b>15%</b>	<b>50%</b>	<b>35%</b>
<b>3° ano ISPA (n=24)</b>	<b>17%</b>	<b>75%</b>	<b>8%</b>
<b>4° ano ISPA (n=23)</b>	<b>9%</b>	<b>82%</b>	<b>9%</b>
<b>5° ano ISPA (n=24)</b>	<b>12%</b>	<b>71%</b>	<b>17%</b>

Nota: Houve 1 sujeito que não respondeu a esta questão.

Não existem diferenças significativas entre os 2 grupos de idades na resposta a esta

questão ( $\chi^2 = 0,38$ ,  $p = 0,82$ ): Em ambos os grupos a grande maioria refere que não acabaria o namoro.

Também não existem diferenças estatisticamente significativas, para  $p < 0,05$ , entre o sexo feminino e o sexo masculino na resposta a esta questão ( $\chi^2 = 2,81$ ,  $p = 0,24$ ).

O Qui-Quadrado também não revelou diferenças significativas entre os vários anos escolares ( $\chi^2 = 2,81$ ,  $p = 0,24$ ).

**Questão 9: "Quais são, na sua opinião, os problemas que o alcoolismo provoca? Enumere 4 aspectos,"**

Tabela 14. Consequências do alcoolismo.

CATEGORIAS	MATERIAL CODIFICADO		
Consequências a nível Físico	93%	Problemas hepáticos	46%
		Dependência física	27%
		Disfunções sexuais	4%
		Mau estar	3%
		Incapacidade intelectual	3%
		Doença	3%
		Acidentes graves	3%
		Desorientação	2%
		Morte	2%
Consequências Sociais	92%	Solidão/Isolamento/Exclusão	36%
		Violência / Agressividade	23%
		Problemas relacionais	20%
		Problemas financeiros	10%
		Delinquência / crime	3%
Consequências a nível Familiar	52%	Mau ambiente familiar	46%
		Violência doméstica	4%
		Filhos traumatizados	1%
		Problemas conjugais	1%
Consequências Psicológicas	39%	Problemas psicológicos	30%
		Falta de confiança	4%
		Baixa auto-estima	3%
		Suicídio	2%

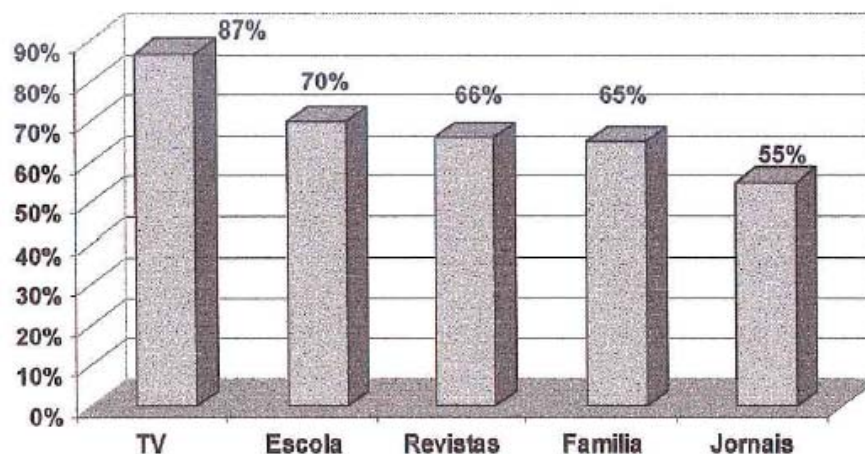
CATEGORIAS	MATERIAL CODIFICADO		
Consequências de natureza profissional e / ou escolar	28%	Problemas no local de trabalho	14%
		Desemprego	11%
		Problemas escolares	2%
		Baixa produtividade	1%

Relativamente aos problemas que o alcoolismo provoca, quase todos os sujeitos referiram: Consequências físicas (93%) tais como problemas hepáticos (nomeadamente a cirrose), dependência física, disfunções sexuais, incapacidade intelectual, entre outras; Consequências sociais (92%) tais como: Problemas relacionais, solidão / isolamento, violência e problemas financeiros.

Muitos sujeitos referiram ainda: Consequências psicológicas (39%) tais como problemas psicológicos, baixa auto-estima, falta de confiança e Consequências profissionais e escolares (28%) tais como problemas no local de trabalho e na escola, baixa produtividade e desemprego.

#### Questão 10: "Como obteve a informação que possui sobre alcoolismo?"

Figura 3. Fontes de informação sobre o alcoolismo



Relativamente às fontes de informação sobre o alcoolismo a maioria dos sujeitos assinalam todas as opções desta questão: TV, Jornais, Revistas, Escola e Família. De salientar, contudo, que a que é referida por uma maior percentagem de sujeitos é a TV (87%),

em segundo e terceiro lugar surge a escola (70%) e as revistas (66%), respectivamente, em quarto lugar a família (65%) e em último lugar os jornais (55%).

Tabela 15. Fontes de informação sobre o alcoolismo: Diferenças em função da Idade, Género Sexual e Ano Escolar.

	TV		JORNAIS		REVISTAS		ESCOLA		FAMÍLIA	
	SIM	NAO	SIM	NÃO	SIM	NAO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
<b>Idade &lt;21 anos (n=64)</b>	95%	5%	52%	48%	67%	33%	72%	28%	67%	33%
<b>Idade &gt;21 anos (n=51)</b>	76%	24%	59%	41%	65%	35%	69%	31%	63%	37%
<b>Sexo feminino (n=91)</b>	87%	13%	56%	44%	66%	34%	70%	30%	67%	33%
<b>Sexo masculino (n=24)</b>	87%	13%	50%	50%	67%	33%	71%	29%	58%	42%
<b>1ºano ISPA (n=24)</b>	96%	4%	62%	38%	67%	33%	58%	42%	67%	33%
<b>2ºano ISPA (n=20)</b>	95%	5%	55%	45%	70%	30%	55%	45%	60%	40%
<b>3ºano ISPA (n=24)</b>	83%	17%	46%	54%	67%	33%	88%	12%	83%	17%
<b>4ºano ISPA (n=23)</b>	74%	26%	39%	61%	52%	48%	70%	30%	48%	52%
<b>5ºano ISPA (n=23)</b>	88%	12%	71%	29%	75%	25%	79%	21%	67%	33%

Mais uma vez, recorreu-se ao teste Qui-Quadrado para averiguar a existência de diferenças significativas entre os grupos em estudo.

O teste Qui-Quadrado revelou a existência de diferenças significativas entre os 2 grupos de idade relativamente à fonte TV: Existe uma percentagem significativamente superior de alunos mais novos que referiram a TV como sua fonte de informação sobre o alcoolismo ( $\chi^2 = - 8,88$ ,  $p = 0,002$ ).

Não existem diferenças significativas entre os 2 sexos relativamente às fontes de informação. Quanto às diferenças entre os anos escolares, o teste Qui-Quadrado revelou diferenças significativas na fonte de Informação Escola: Existe uma percentagem significativamente superior de alunos do 3º ano, comparativamente com os do 1º, 2º, 4º e 5º anos, que referem esta fonte de informação.

**Questão 11: "Terminaria uma relação de amizade por saber que a pessoa era alcoólica?"**

A esmagadora maioria dos sujeitos (90%) referiu que não terminaria a relação de amizade se soubesse que o amigo(a) era alcoólico(a), 1% refere claramente que terminaria essa relação de amizade e 9% referem que dependeria da resolução do problema de alcoolismo. De salientar que é muito superior a percentagem de sujeitos que referem que não terminariam a amizade com um amigo(a) alcoólico (90%) do que a percentagem de sujeitos que não acabariam o namoro se o companheiro(a) fosse alcoólico(a) (72%).

Dos sujeitos que responderam que não terminariam a relação de amizade (103 sujeitos), 84% referem que prestariam todo o apoio ao amigo(a) quer a nível emocional, quer ajudando a encaminhar o caso para ajuda profissional, 14% referem que é em situações destas que os amigos são verdadeiramente importantes, 5% referem que acabar a relação de amizade iria piorar a situação do amigo(a) e 1 % comentou que "uma pessoa com amigos nunca se torna verdadeiramente alcoólica".

Dos sujeitos que responderam "Depende" (10 sujeitos), 60% referiram que não acabariam essa amizade se a pessoa estivesse disposta a tratar-se, houve ainda 20% que referiram que dependeria de como a relação se tornasse, 10% referiram que acabariam a relação se tal interferisse com a segurança pessoal, e 10% referiram que dependeria do grau da amizade.

Dos sujeitos que responderam que terminariam a relação de amizade (2 sujeitos), 1 referiu que o faria porque ter um amigo alcoólico é mal visto pela sociedade, e o outro referiu que terminaria a relação porque o(a) amigo(a) podia provocar situações desagradáveis.

Tabela 16. "Terminaria uma relação de amizade por saber que a pessoa era alcoólica?": Diferenças nas respostas em função da idade, género sexual e ano escolar

	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>DEPENDE</b>
<b>Idade &lt; 21 anos (n=64)</b>	2%	95%	3%
<b>Idade &gt;21 anos (n=51)</b>	8%	88%	4%
<b>Sexo feminino (n=91)</b>	3%	95%	2%
<b>Sexo masculino (n=24)</b>	8%	84%	8%
<b>1º ano ISPA (n=24)</b>	4%	96%	0%

	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>DEPENDE</b>
<b>2° ano ISPA (n=20)</b>	0%	100%	0%
<b>3° ano ISPA (n=24)</b>	5%	85%	10%
<b>4° ano ISPA (n=23)</b>	0%	100%	0%
<b>5° ano ISPA (n=24)</b>	13%	83%	4%

Não existem diferenças significativas entre os 2 grupos de idades na resposta a esta questão ( $\chi^2 = 2,78$ ,  $p = 0,24$ ): em ambos os grupos a grande maioria refere que não acabaria a relação da amizade. Também não existem diferenças estatisticamente significativas, para  $p < 0,05$ , entre o sexo feminino e o sexo masculino na resposta a esta questão ( $\chi^2 = 3,42$ ,  $p = 0,18$ ).

O Qui-Quadrado também não revelou diferenças significativas entre os vários anos escolares ( $\chi^2 = 10,40$ ,  $p = 0,23$ ).

#### **Questão 12: "Aceito com naturalidade ter um(a) amigo(a) alcoólico(a)?"**

Relativamente a aceitar-se com naturalidade ter um(a) amigo(a) alcoólico(a), tal como aconteceu no caso de ser um(a) colega, há uma grande percentagem de sujeitos que não se define em relação a esta questão, revelando indecisão (32% - Nem concordo nem Discordo). Note-se que neste caso também é maior a percentagem de sujeitos que discordam (33% discordam e 6% discordam totalmente) do que a percentagem de sujeitos que concordam (24% concordam e 5% concordam totalmente) aceitarem com naturalidade uma situação destas.

No sentido de se averiguara existência de diferenças significativas, para a totalidade dos participantes, no encarar com naturalidade a situação de se ter uma amigo alcoólico comparativamente com a situação de se ter um colega alcoólico, recorreu-se ao teste Não Paramétrico Wilcoxon. Este teste veio confirmar o que já se constatara ao analisar as frequências, não existem diferenças significativas na forma como se encara a situação de alcoolismo quer seja um amigo ou um colega a ter esse problema ( $T = 49,00$ ,  $Z = 1,30$ ,  $p = 0,19$ ).

**Tabela 17.** "Aceitar com naturalidade ter um amigo alcoólico": Diferenças em função da idade, género sexual e ano escolar

	<b>Discordo Total mente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Nem Concordo Nem Discordo</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo Totalmente</b>
<b>Idade &lt; 21 anos</b> (n=64)	5%	34%	30%	26%	5%
<b>Idade &gt;21 anos</b> (n=50)	8%	31%	35%	20%	6%
<b>Sexo feminino</b> (n=91)	5%	33%	35%	23%	3%
<b>Sexo masculino</b> (n=24)	8%	33%	21%	25%	13%
<b>1° ano ISPA</b> (n=24)	4%	42%	33%	13%	8%
<b>2° ano ISPA</b> (n=20)	5%	25%	30%	35%	5%
<b>3° ano ISPA</b> (n=24)	0%	37%	17%	42%	4%
<b>4° ano ISPA</b> (n=23)	9%	26%	39%	22%	4%
<b>5° ano ISPA</b> (n=23)	13%	33%	42%	8%	4%

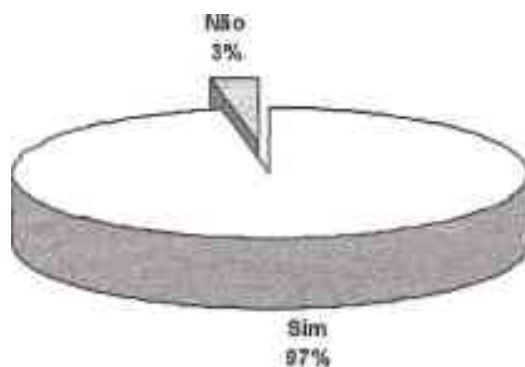
À semelhança do que se fizera na questão anterior, recorreu-se à análise de frequências, no sentido de se visualizarem as respostas dos sujeitos. Mais uma vez se recorreu ao teste Mann-Whitney que não revelou a existência de diferenças significativas entre os 2 grupos de idades ( $U = 878,50$   $p = 0,14$ ), não tendo também revelado diferenças significativas entre o sexo feminino e o sexo masculino ( $U = 1030,50$   $p = 0,67$ ) na resposta a esta questão (encarar com naturalidade ter um amigo alcoólico).

Quanto às diferenças entre os 5 anos escolares na resposta a esta questão o teste Kruskal Wallis também não revelou diferenças significativas ( $H = 4,71$ ,  $p = 0,31$ ).

De facto na resposta à questão "encara com naturalidade ter um amigo alcoólico", há em todos os grupos uma percentagem elevada de respostas "nem concordo, nem discordo", não havendo uma dominância clara da resposta "Concordo", nem da resposta "Discordo".

**Questão 13: "Considere que existem pessoas mais susceptíveis que outras ao consumo de bebidas alcoólicas?"**

Figura 4. Resposta à questão 13



Quase todos os sujeitos (97%) consideram haver pessoas mais susceptíveis do que outras ao consumo de bebidas alcoólicas, 3% referiram que essa susceptibilidade não existe.

Tabela 18. Susceptibilidade ao alcoolismo: Diferenças em função da Idade, género sexual e ano escolar

	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
<b>Idade &lt; 21 anos (n=64)</b>	98%	2%
<b>Idade &gt;21 anos (n=51)</b>	96%	4%
<b>Sexo feminino (n=91)</b>	97%	3%
<b>Sexo masculino (n=24)</b>	100%	0%
<b>1º ano ISPA (n=24)</b>	100%	0%
<b>2º ano ISPA (n=20)</b>	95%	5%
<b>3º ano ISPA (n=24)</b>	100%	0%
<b>4º ano ISPA (n=23)</b>	96%	4%
<b>5º ano ISPA (n=24)</b>	96%	4%

O teste Qui-Quadrado não revelou a existência de diferenças significativas na resposta à questão: "Existem pessoas mais susceptíveis do que outras ao consumo de bebidas Alcoólicas?" entre o sexo feminino e o sexo masculino, entre os 2 grupos de idade e entre os 5 anos escolares. Todos ou quase todos os sujeitos consideram que há pessoas mais

susceptíveis ao alcoolismo.

Tabela 19. Susceptibilidade ao consumo de álcool

CATEGORIAS		MATERIAL CODIFICADO	
Características de Personalidade/ Factores Psicológicos	63%	Características de Personalidade	47%
		Personalidade Frágil	4%
		Pessoas influenciáveis	4%
		Carências Afectivas	4%
		Falta de Auto controlo	3%
		insegurança	1%
Factores Sociais / Ambientais	52%	Pressão dos Pares e Familiares que Bebem	14%
		Problemas	11%
		Ambiente	11%
		Contexto Social	6%
		História de Vida	6%
		Vida Social intensa	4%
Factores Genéticos	13%		

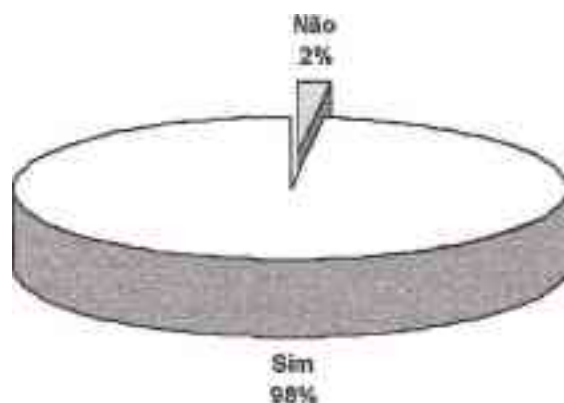
Nesta questão recorreu-se à análise de conteúdo uma vez que estávamos em presença de uma questão de resposta aberta.

Dos sujeitos que concordam que existem pessoas mais susceptíveis do que outras ao álcool (112), a razão referida por uma maior percentagem de sujeitos prende-se com as características de personalidade (63%), outro aspecto muito referido prende-se com os factores sociais e ambientais (52%), havendo 13% a referir factores genéticos (hereditariedade).

Os sujeitos que não concordam com o facto de existir susceptibilidade por parte de algumas pessoas ao consumo de bebidas alcoólicas (3 sujeitos), argumentam que existe uma multi-causalidade pelo que é difícil afirmar quem está mais susceptível.

**Questão 14: "Considera importante incluir no programa escolar informações sobre o álcool?"**

Figura 5. Resposta à questão 14



Quase todos os sujeitos (98%) consideram importante incluir no programa escolar informações sobre o álcool; 2% não concordam que seja importante proceder a essa inclusão.

Tabela 20. "Considera importante incluir no programa escolar informações sobre o álcool?":

Diferenças em função da idade, género sexual e ano escolar

	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
<b>Idade &lt; 21 anos (n=64)</b>	98%	2%
<b>Idade &gt;21 anos (n=51)</b>	98%	2%
<b>Sexo feminino (n=91)</b>	98%	2%
<b>Sexo masculino (n=24)</b>	100%	0%
<b>1° ano ISPA (n=24)</b>	96%	4%
<b>2° ano ISPA (n=20)</b>	100%	0%
<b>3° ano ISPA (n=24)</b>	100%	0%
<b>4° ano ISPA (n=23)</b>	100%	0%
<b>5° ano ISPA (n=24)</b>	96%	4%

O teste Qui-Quadrado não revelou a existência de diferenças significativas na resposta à questão: "Considera importante incluir no Programa Escolar Informações sobre o álcool?" entre o sexo feminino e o sexo masculino, entre os 2 grupos de idade e entre os 5 anos

escolares. Quase todos os sujeitos consideram que é importante incluir essas informações no programa escolar.

Tabela 21. Informações sobre o álcool que consideram importante incluir no programa escolar

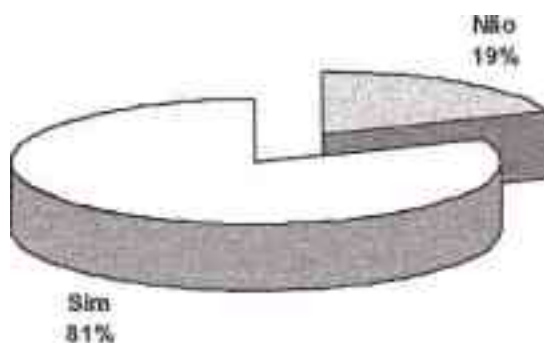
CATEGORIAS	
Efeitos Físicos e Psico-Sociais	70%
Causas	21%
Prevenção	14%
Tratamento	12%
Todos os Aspectos	11%

Nesta questão recorreu-se à análise de conteúdo uma vez que estávamos em presença de uma questão de resposta aberta.

Dos 113 sujeitos que consideram importante que se inclua no programa escolar informações sobre o álcool, 70% referiu ser importante incluir informação sobre os efeitos físicos, psíquicos e sociais do álcool, 21% informações sobre as causas, 14% sobre os aspectos ligados à prevenção, 12% sobre as informações relacionadas com o tratamento e 11% pretende que sejam abordados todos os aspectos.

#### **Questão 15: "Concorda com a venda de bebidas alcoólicas no bar ou no refeitório dos estabelecimentos de ensino superior?"**

Figura 6: Resposta à questão 15



A maioria dos sujeitos concorda (81 %) com a venda de bebidas alcoólicas no bar ou no refeitório do ensino superior, 19% não concordam com a comercialização de álcool nesses locais.

**Tabela 22.** "Concorda com a venda de bebidas alcoólicas nos estabelecimentos de ensino superior: diferenças em função da idade, género sexual e ano escolar"

	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
<b>Idade &lt; 21 anos (n=64)</b>	75%	25%
<b>Idade &gt;21 anos (n=51)</b>	88%	12%
<b>Sexo feminino (n=91)</b>	81%	19%
<b>Sexo masculino (n=24)</b>	79%	21%
<b>1° ano ISPA (n=24)</b>	83%	17%
<b>2° ano ISPA (n=20)</b>	60%	40%
<b>3° ano ISPA (n=24)</b>	88%	12%
<b>4° ano ISPA (n=23)</b>	87%	13%
<b>5° ano ISPA (n=24)</b>	83%	17%

O teste Qui-Quadrado não revelou a existência de diferenças significativas na resposta à questão: "Concorda com a Venda de Bebidas Alcoólicas no Bar ou no Refeitório de estabelecimentos de ensino superior?" entre o sexo feminino e o sexo masculino, entre os 2 grupos de idade e entre os 5 anos escolares. A maioria dos sujeitos concorda com a venda de bebida alcoólicas em estabelecimentos de ensino superior.

**Tabela 23.** Razões invocadas pelos sujeitos que concordam e pelos que não concordam com a venda de bebidas alcoólicas no ensino superior.

<b>CATEGORIAS CONCORDAM</b>	<b>N=93</b>	<b>CATEGORIAS NÃO CONCORDAM</b>	<b>N=22</b>
Maturidade dos estudantes	53%	Promoção do consumo	36%
Auto-controlo e responsabilidade	30%	Local inadequado	27%
O problema não está na venda, nem	15%	Já há consumo excessivo de	9%

<b>CATEGORIAS CONCORDAM</b>	<b>N=93</b>	<b>CATEGORIAS NÃO CONCORDAM</b>	<b>N=22</b>
nos locais de venda		álcool no meio académico	
Não concordam com politica proibicionista	11%	Há pessoas sem consciência dos limites	5%
A solução está na informação e no esclarecimento	6%	Os jovens ainda não têm maturidade	5%
Os que tem auto-controlo não devem "pagar" pelos que não têm	6%	Afecta as capacidades intelectuais	5%

Nesta questão recorreu-se à análise de conteúdo uma vez que estávamos em presença de uma questão de resposta aberta.

Dos sujeitos que concordam com a venda de bebidas alcoólicas em estabelecimentos de ensino superior (93), a maioria (53%) refere que concorda com essa venda porque os alunos do ensino superior já têm maturidade para saberem o que fazem, 30% refere que a responsabilidade tem de ser da própria pessoa e 15% argumenta que o problema não está, nem na venda, nem no local da venda do álcool.

Dos que não concordam com essa venda (22), as razões que foram referidas por uma maior percentagem de sujeitos foram: o facto da venda de bebidas alcoólicas nos estabelecimentos de ensino promover o seu consumo entre os jovens (36%), e o facto de considerarem haver locais mais apropriados para essa mesma venda (27%).

Com base nos resultados obtidos, passamos a apresentar os temas mais focados pelos nossos participantes, aos quais correspondem os principais estereótipos associados ao alcoolismo. Estes têm relação directa com a significação da representação pois estão directamente relacionados com os temas encontrados. É realçada a importância da relação com a significação para além do aspecto quantitativo tal como referido por Abric, 1994; cit. por Guimelli (1994).

Tabela 24. Principais estereótipos associados.

<b>TEMA</b>	<b>ESTEREÓTIPO</b>	<b>%</b>
Alcoolismo	Dependência física e psicológica	44
	Sufrimento emocional	38

<b>TEMA</b>	<b>ESTEREÓTIPO</b>	<b>%</b>
	Violência	36
Causas	Questões sociais/ambientais	95
	Sofrimento emocional	87
	Conflitos intra e interpessoais	68
Prevenção	Campanhas nos mass media	53
	Actuar ao nível da disponibilidade	47
	Promover equilíbrio emocional	31
	Prevenção escolar	27
Medidas a tomar face ao sujeito	Encaminhamento institucional	57
	Apoio emocional	39
Consequências	Físicas	93
	Sociais	92
	Familiares	52
	Psicológicas	39
	Profissionais/escolares	28
susceptibilidade ao álcool	Carácter personalidade e Factores psicológicos	63
	Factores sociais/ambientais	52
Informação a incluir no programa escolar	Efeitos físicos e psicossociais	70
Concordância na venda de bebidas no ensino superior	SIM: Maturidade dos estudantes	53
	SIM: Auto-controlo e responsabilidade	30
	NAO: Promoção do consumo	36
	NÃO: Local inapropriado	27